



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH CAMPUS IV - JACOBINA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

VILMA LIMA RIBEIRO

**UM ESTUDO SOBRE AS TERRITORIALIDADES DAS RODAS DE
CAPOEIRA EM JACOBINA: SENTIDOS E NEGAÇÕES
RESSIGNIFICADAS**

Jacobina - BA
2009

VILMA LIMA RIBEIRO

**UM ESTUDO SOBRE AS TERRITORIALIDADES DAS RODAS DE
CAPOEIRA EM JACOBINA: SENTIDOS E NEGAÇÕES
RESSIGNIFICADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Banca Examinadora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/ Campus IV, como exigência para obtenção de título de graduanda em Licenciatura Plena em Geografia sob a orientação do Prof.º Esp. Fábio Nunes de Jesus.

Jacobina - BA
2009

VILMA LIMA RIBEIRO

**UM ESTUDO SOBRE AS TERRITORIALIDADES DAS RODAS DE
CAPOEIRA EM JACOBINA: SENTIDOS E NEGAÇÕES
RESSIGNIFICADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Banca Examinadora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/ Campus IV, como exigência para obtenção de título de graduanda em Licenciatura Plena em Geografia sob a orientação do Prof^o Fábio Nunes de Jesus.

Aprovado em ___/___/2009

Prof.^a Esp. Fábio Nunes de Jesus – Universidade do Estado da Bahia.

Prof.^a Msc. Jacy Bandeira Nunes – Universidade do Estado da Bahia.

Prof.^o Msc. Edivaldo Hilário dos Santos – Universidade do Estado da Bahia.

AGRADECIMENTOS

À Universidade do Estado da Bahia pelo apoio e incentivo a minha qualificação profissional.

Ao Prof.º Fábio Nunes de Jesus, meu orientador, pelo rigor, competência e sensatez com que me conduziu para a realização deste trabalho e sobretudo por acreditar em mim.

Ao Corpo Docente da Universidade do Estado da Bahia pelo incentivo e ensinamentos transmitidos ao longo dessa graduação.

Ao meu pai Ivanilton Neves Ribeiro e à minha Mãe Joselice Lima Ribeiro, pelos ensinamentos, pelo carinho, pela compreensão e, sobretudo, por acreditarem em mim.

As minhas irmãs Veronice Lima e Roilma Lima, por sempre aliviarem as minhas dores, e acreditar em mim, quando eu mesma fraquejava diante dos meus sonhos.

A chegada da minha querida sobrinha Keila Lohana, que tem nos proporcionado muitas alegrias.

Aos meus familiares que torceram, incentivaram e ajudaram para que esse sonho fosse concretizado.

Aos verdadeiros amigos que a UNEB me concedera, deles sentirei saudades, quando a distância se fizer presente.

As panelinhas do curso de Licenciatura Plena em Geografia 2004.1

As verdadeiras amizades construídas no espaço da República Universitária da UNEB/DCH-IV. É necessário evitar nomes para não cometer injustiças.

Aos meus colegas de curso pelas dores e alegrias, pelos pontos em comum e as discórdias, experiências válidas para o meu crescimento pessoal.

Aos funcionários do departamento de Ciências Humanas Campus – IV, pelo esforço e manutenção da organização do espaço acadêmico como um todo.

A todos aqueles que foram entrevistados, pela confiança em prestarem seus depoimentos, e suas experiências.

A todos que contribuíram de forma significativa para que a pesquisa pudesse ser concretizada. Muito obrigada por possibilitarem essa experiência enriquecedora e gratificante, de grande importância para o meu crescimento como ser humano e profissional. A vitória não é só minha.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Luis de Camões.

RESUMO

A manifestação cultural da Capoeira está intrinsecamente atrelada a questões referentes a um legado histórico de luta e resistência, que toma corpo ao longo dos anos. As rodas de capoeira são constituídas por uma mescla de ritmos, danças, diálogos, poder e signos, que formam incorporados sob forma de resistência e adaptabilidade durante a formação sócio-espacial da sociedade brasileira. Ao efetuar uma abordagem sobre essa manifestação cultural, o enfoque epistemológico utilizado fora o materialismo-dialético, caracterizado pelo estudo das contradições existentes nos espaços. Assim, a capoeira resulta do processo de afirmação de sua identidade e do diálogo com os espaços, embora estes tenham negado e subjugado a sua prática. A pesquisa tem como lócus, a cidade de Jacobina do Estado da Bahia, esta que guarda em suas rugosidades a presença de um passado histórico influenciado pelos resquícios da colonização, e cujo arranjo espacial na atualidade sofre a influência de várias territorialidades, entre elas, a da capoeira. A realização da pesquisa permite concluir que suas ressignificações resultam do processo de inserção e elasticidade, que muitas vezes fora influenciados pelo capitalismo, contudo a sua territorialidade é dinâmica a ponto de possibilitar a difusão de uma identidade afro-brasileira que dialoga com vários espaços.

Palavras-chave: Território, cultura, identidade, capoeira

ABSTRACT

The capoeira's cultural manifestation is inherent to aspects referent to a historical period of fight and opposition, which occur during years. The capoeira's practice is constituted by a mixture of rhythms, dances, dialogues, power and signs, which were incorporated with resistance and adaptability during the socio-spatial formation of the Brazilian society. The materialism-dialectic was used to realization of an approach about this cultural manifestation, which is characterized by the studies of the contradictions present into the spaces. Likewise, the capoeira results of the affirmation process of its identity and of the dialogue with the spaces, although these ones refused and subjugated its practice. The research was realized in Jacobina-BA, a city that presents a historical past influenced by colonization' marks and whose spatial arrangement is influenced by several territory, for instance, the capoeira. Through the research, it was possible to conclude that the capoeira' new meaning result of the process of insertion and elasticity, which many times were influenced by capitalism, overall yours territory is so dynamic that enables the diffusion of an Afro-Brazilian identity which dialogues with many spaces.

Key words: Territory, culture, identity, capoeira.

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ACRT – Associação de Capoeira Os Regionais do Tempo.

CONFEF – Conselho Nacional de Educação Física.

CREF – Conselhos Regionais de Educação Física.

DIREC – Diretoria Regional de Educação.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

UNEB – Universidade do Estado da Bahia.

SUMÁRIO

Considerações Iniciais	11
A construção do espaço brasileiro frente à negação de uma territorialidade negra	15
O território enquanto categoria de análise: um início de conversa	15
Precedentes da construção e formação do território brasileiro	17
O Espaço da construção e da formação: o desafio do reconhecimento.....	19
A construção do território brasileiro e negação da territorialidade negra	21
A origem da prática da capoeira: a presença de múltiplas territorialidades dentro de um território projetado pelo poder hegemônico.....	24
Tradições e ressignificações na roda de capoeira	30
A cultura e o diálogo com o presente	30
Tradições e ressignificações	34
Caracterização da Capoeira	35
Signos e significados	38
O diálogo das territorialidades no espaço contemporâneo	43
Os sustentáculos do capitalismo e o espaço.....	43
O diálogo entre a cultura e os espaços.....	45
Uma crítica ao capitalismo maniqueísta.....	48
O território e as territorialidades das rodas de capoeira em Jacobina	52
Visibilidade e ocultação.....	52
A prática da capoeira em Jacobina	54
Ressignificação ou descaracterização?	58
As artimanhas do Capitalismo	60
Novos cenários, velhas práticas	61
Possíveis considerações finais	65
Fontes e Referências	68
Entrevistados.....	68
Legislação	70
Referências.....	70
Sites Utilizados.....	72
Anexos	73
Apêndice	76

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho é fruto de uma mescla de inquietações, fascínios e indagações, que a prática da capoeira desperta nas pessoas, se estas assim a permitirem. O mesmo trata-se de uma pesquisa fundamental que tem a curiosidade intelectual como motivadora e a compreensão como principal objetivo. Dessa forma a prática da capoeira sempre exerceu fascínio sobre mim, não poder participar de seu universo, levou-me a debruçar a cerca do seu histórico, sua origem e seus ensinamentos. Ao ingressar na Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus IV, essas inquietações foram ainda mais aguçadas através de temáticas discutidas como identidade, cultura e africanidade, ao longo do curso de Licenciatura Plena em Geografia, resultando assim na pesquisa monográfica ora apresentada.

O trabalho busca através de questões norteadoras analisar as territorialidades das rodas de capoeira em Jacobina, tendo como ponto de partida à curiosidade em apreender como a prática da capoeira resistiu e resiste ao longo dos anos, mesmo sendo marginalizada, subjugada e comercializada em contextos históricos diferentes da formação da sociedade brasileira. Assim, o trabalho tem como foco central a cultura como manifestação de uma espacialidade que se mantém ao longo da história.

Atualmente as rodas de capoeira assumem novas aparências que resultaram do processo de ressignificação dos elementos simbólicos que a constitui. Os signos presentes nessa cultura desempenham papel essencial para a construção mental e material de seus territórios nos arranjos espaciais. Dessa forma, a pesquisa objetiva apreender os diálogos estabelecidos entre a territorialidade das rodadas de capoeira e os espaços jacobinense no contexto atual.

As questões que norteiam o trabalho compreendem o campo da *marginalização* da capoeira, devido à formação conservadora da sociedade brasileira, onde a discussão racial ainda envolve um campo que distancia a teoria da práxis; Do poder da *ressignificação* de seus elementos e a sua importância para que a mesma alcançasse os dias atuais; Um outro aspecto que estas contemplam diz respeito a *apropriação capitalista* da celebração da sua prática, uma vez que a mesma tem sido utilizada como objeto de mercado. Cada um desses campos de estudo visa mostrar que territorialidade das rodas de capoeira é dinâmica a ponto de possibilitar a difusão de uma identidade afro-brasileira que dialoga com vários espaços em contextos diferentes.

O trabalho tem como enfoque epistemológico o materialismo dialético, caracterizado pelo estudo das totalidades, historicidade e contradições presente na realidade das relações sociais. Os espaços são constituídos pelos diálogos, pelas contradições, pelas lutas de e pelo poder. Ele é palco dos conflitos, das negações e afirmações, desse modo, a capoeira constitui-se em elemento que dialoga com os espaços, nos variados contextos de construção e formação da sociedade brasileira, buscando afirmar sua identidade em espaços que negavam a sua presença, a sua territorialidade.

As fontes utilizadas estão atreladas ao levantamento bibliográfico e pesquisas a campo. No que tange a primeira, as fundamentações teóricas dizem respeito a autores que abordam a mesma temática, visto que, inúmeros trabalhos e pesquisas têm se multiplicado e alargado substancialmente nos últimos anos, servindo como subsídio para efetuar possíveis leituras sobre a prática da capoeira. Embora muitos estudos tenham sido efetuados, a pesquisa desenvolvida se diferencia na forma como a sua análise se processa, buscando levar em consideração os diálogos estabelecidos nos espaços sociais, ou seja, a territorialidade que a mesma efetua nos arranjos espaciais.

No que tange as pesquisas realizadas em campo, elas são essências para caracterizar um trabalho de ordem qualitativa, assim, o mesmo busca compreender o “como” as rodas de capoeira se caracterizam. Em uma pesquisa qualitativa dúvidas, pistas e indagações permanecem abertas até o final. Uma pesquisa qualitativa visa mostrar a importância do poder das narrativas colhidas no campo de estudo para compreender algo. Dessa forma, o processo de coleta de dados esteve atrelado a entrevistas realizadas com os vários atores que compõem o universo da capoeira e algumas lideranças municipais, os quais forneceram valiosíssimas informações e relatos que foram transcritos de forma responsável visando preservar a imagem dos mesmos. Todas as pessoas que nos disponibilizaram seus depoimentos e prestaram informações acerca de suas experiências concordaram com a utilização dessas informações, se estas fossem necessárias.

Assim, o levantamento deste arcabouço teórico, juntamente com a práxis dessa manifestação cultural, e os dados coletados através da oralidade, possibilitou a exequibilidade da pesquisa, descrevendo seus elementos relevantes, a importância desses para os indivíduos e o poder que os mesmos comportam para interferir e modificar os arranjos espaciais. Uma vez que, as rodas de capoeira é uma das manifestações culturais da sociedade que interferem na (re) produção dos espaços urbanos, a partir da apropriação e territorialização dos mesmos, mediante a utilização de signos.

O território da capoeira é móvel, pois a realização dessa prática não necessita de um espaço único ou dia certo para que possa se concretizar, no entanto, é essencial que a simbologia esteja presente, visto que os signos estão intimamente relacionados com a percepção de cada indivíduo. Este reconhecimento e percepção tanto dos indivíduos que a praticam como o dos que a apreciam, são formulações mentais de espacialidades, que mediante a incorporação e apropriação dos espaços, configuram paisagens, resultantes das necessidades dos indivíduos.

A capoeira independentemente de ser considerada como luta, dança ou arte está intrinsecamente atrelada a questões referentes a um legado histórico de luta e resistência, que toma corpo ao longo dos anos, através de reivindicações e movimentos realizados por diversos seguimentos da sociedade. Legado este, que precisa não apenas ser reconhecido, como também valorizado. É justamente a partir desse pressuposto que o desenvolvimento dessa pesquisa tornar-se-á relevante nos campos: científico, social e pessoal.

No que concerne ao campo científico, à pesquisa visa não apenas preencher possíveis lacunas sobre as manifestações das rodas de capoeira, como também contribuir de forma significativa para o aumento do arcabouço teórico referente a essa área de estudo.

No que tange ao campo social, visa realizar uma investigação mais aguçada sobre a relevância dessa cultura para os indivíduos que a praticam e para os muitos olhos que ela se volta, bem como reconhecer a importância da mesma na constituição da sociedade brasileira.

Além de tentar preencher possíveis lacunas sobre a sua existência e configuração atual, a mesma está atrelada a anseios pessoais, cuja primeira motivação foi à curiosidade intelectual, e a compreensão como principal objetivo.

As manifestações culturais das rodas de capoeira são constituídas por uma mescla de ritmos, danças, diálogos, poder e signos, os quais foram incorporados ao longo dos anos sob forma de resistência e adaptabilidade durante os vários contextos histórico-sociais de sua existência, estes elementos são responsáveis por despertar nos capoeiristas sentimentos de pertencimento, afetividade e paixão.

Dessa forma, esta temática busca trazer a luz dos conhecimentos contemporâneos, questões atreladas à capacidade de resistência cultural e inserção do africano ao Brasil, onde estes dois condicionantes representam fatores essenciais para compreender a característica atual das rodas de capoeira e dos elementos que a constitui.

A pesquisa tem como lócus, a cidade de Jacobina do Estado da Bahia, esta que guarda em suas rugosidades a presença de um passado histórico que foi fortemente influenciado pelos resquícios do processo de colonização. Grande parte da sua infra-estrutura apresenta espaços destinados às práticas comerciais, influenciadas pelo desejo de auferir lucros oriundos da utilização e apropriação dos espaços condicionados pelo sistema capitalista, no entanto, esses mesmos espaços ganham contornos diferentes de acordo com a hora do dia, o dia da semana ou a época do ano, uma vez que esses espaços são palcos das ações sociais.

O trabalho compreende quatro momentos. O primeiro constitui-se em um retrocesso às bases da formação da sociedade brasileira e a negação de uma da territorialidade negra frente a esse processo; O segundo momento compreende uma análise sobre a resistência e ressignificação da capoeira enquanto cultura afro-brasileira, onde são apresentados elementos essenciais para a concretização de sua prática; O terceiro momento discute a apropriação da capoeira pelas práticas capitalistas e os possíveis obstáculos que a mesma enfrenta frente às relações mercadológicas da sociedade atual; O quarto momento faz uma análise sobre os territórios e as territorialidades das rodas de capoeira em Jacobina, expressando o desejo, os anseios e voz de alguns grupos que dialogam com esse espaço.

A realização mais aguçada sobre a relevância dessa manifestação cultural para seus praticantes e a para a sociedade a qual se encontra inserida, possibilitou reconhecer que a ressignificação desta, resulta de um processo de inserção e elasticidade, onde a Capoeira não se deixa sucumbir sob forte repressão que recebera no passado. Além de fornecer também possíveis meios para avaliar a sua trajetória, a interferência do modo de produção capitalista sobre a mesma e os possíveis rumos que ela estará sujeita a tomar, sobretudo devido à incorporação de novos elementos no seu contínuo processo de ressignificação.

A construção do espaço brasileiro frente à negação de uma territorialidade negra

O território enquanto categoria de análise: um início de conversa

O início do processo de formação do território brasileiro é marcado pela negação de uma territorialidade negra, oriunda do desejo de implantação e perpetuação de um poder hegemônico e eurocêntrico que marginaliza toda e qualquer forma de cultura oriunda de outras nações. A palavra território está intimamente relacionada a questões de poder, nesse sentido a formação sócio-espacial brasileira fora vítima de um sistema colonizador que ao impor o seu poder segregou, destruiu e enfraqueceu outras formas de viver e experienciar o mundo.

O território é uma das categorias de análise da geografia, a qual vem sendo conceituada e está presente na história do pensamento geográfico desde o séc. XVIII. A mesma ganha uma maior conotação com a expansão do estado moderno e a legitimação do seu poder, tendo como principal expoente o escritor alemão Frederic Ratzel. Segundo Moraes (2000), Ratzel compreendia o território como um espaço qualificado pelo domínio de um grupo humano, sendo definido pelo controle político de um dado âmbito espacial, assim o termo teria em sua gênese a idéia de movimento e expansão e conquistas dos espaços.

A geopolítica da década de 1950 acentua ainda mais a disputa por território, no intuito de conquistar mercados consumidores e estabelecer zonas de influência militar e econômica. Dessa forma privilegiam-se os fixos e as fronteiras, onde o poder público exerce poder no controle espacial, concomitantemente essa apropriação do homem ao espaço, caracteriza e qualifica o tema em questão. Segundo Raffestin (1993), o espaço é anterior ao território, este por sua vez, é o resultado de ações conduzidas por um ator, que ao se apropriar de um determinado espaço, sob a forma concreta ou abstrata, territorializa o espaço.

Desde a sua origem o termo traz uma dupla conotação: Funcional, pois o homem exerce domínio sobre os espaços para realizar funções, ou seja, abstrai do meio físico materiais que são inerentes ao próprio homem, representando a continuidade do seu ser; e Simbólica, evocando o campo dos sentidos, estabelecendo uma relação amorosa e identitária com o local. Os anos que se seguem, servem de aprimoração e lapidação do termo. A partir da década de 1960 a polêmica sobre sua conceituação vem se ampliando largamente

estabelecendo dessa forma ligação epistemológica com disciplinas como Ciência Política, Geografia, Economia, Antropologia, Sociologia e Psicologia.

Segundo Haesbaert (2006), ultimamente o território tem sido abordado nas dimensões política, cultural, econômica e natural, apresentando quatro perspectivas de debate, sendo elas: a) Materialista, onde a base material, em especial as relações de produção, fundamenta a compreensão organizacional do território; b) Idealista, justificando a necessidade que o homem tem de atribuir um significado a tudo que está ao seu entorno; c) Integradora, onde o espaço não pode ser estritamente natural, nem unicamente político, econômico ou cultural ou seja, o território abarca diferentes dimensões sociais; d) Relacional, abrangendo conjuntos de relações histórico-sociais complexas que constroem a sociedade.

O território até então limitado pelas fronteiras, controlado pelo poder dos estados, abre caminho para o território dos fluxos e das multiterritorialidades, da fragilidade das fronteiras e da hibridização cultural. Apreendendo o território como espaço investido de valores não apenas materiais, mas também étnicos, espirituais, simbólicos e afetivos, onde se estabelece uma relação amorosa com o espaço. Em contrapartida, a projeção de nossa identidade sobre o território constitui o que chamamos de territorialização, imbuída na tentativa de um indivíduo ou grupo influenciar, controlar pessoas, coisas, fenômenos e relacionamentos em determinada área.

Nesse cenário emergem trabalhos sobre a temática das desterritorializações, atrelada à fragilidade crescente das fronteiras, oriunda da fluidez, dos movimentos e das interconexões acentuadas pela pós-modernidade e pelo modo de produção capitalista. Rogério Haesbaert (2006) vai além dessa visão de esfacelamento de fronteiras, mostrando-nos que a hibridização cultural que impede o reconhecimento de identidades claramente definidas, não é se não, uma reorganização e reestruturação de fronteiras visíveis e ao mesmo tempo invisíveis. Onde à vivência da complexidade e intensificações dos processos de territorialização, acabam desterritorializando de alguma forma e teritorializando de forma mais complexa e abrangente.

Portanto, o conceito em evidência, como também os demais, nunca são feitos através de limites e identidades claras, rígidas, pois suas significações trazem sempre um potencial para releitura e reinvenção de outros conceitos. Quanto às transformações e o significado que o território recebera ao longo da história do pensamento geográfico, pode-se evidenciar que estes estavam intimamente ligadas ao desejo de conferir atualidade ao termo e a necessidade da sociedade em determinados contextos históricos. Revelando dessa forma, uma validade temporal ao mesmo, a partir da percepção do seu movimento.

No entanto, é de extrema importância ressaltar que o território se define antes de tudo como referência as relações sociais e ao contexto histórico em que estas estão inseridas. Onde este espaço é definido e delimitado por e a partir de relações de poder, e que deve ser compreendido na multiplicidade de manifestações e na incorporação de múltiplos sujeitos neste processo. Assim, a sua distinção dar-se-á de acordo com os grupos que o compõe, sob essa ótica, o território poderá ser então representado ou entendido como abrigo, recurso, controle, referência simbólica e outros.

Frente ao desafio de uma conclusão a cerca dessa categoria análise geográfica, o conceito de território encontra-se basicamente subentendido nas palavras funcional e simbólica, onde as diferentes combinações destas exercem domínio sobre os espaços, tanto para realizar “funções”, quanto para produzir significados. E como o desenvolver das sociedades é algo flexível, assim, então deverá ser a compreensão da temática abordada, pois os territórios existem e são construídos e desconstruídos nas mais diversas escalas de espaço e tempo, e das mais variadas formas e representações.

Precedentes da construção e formação do território brasileiro

Que navio é esse
que chegou agora
É o navio negreiro
Com escravos de Angola
Aqui chegando não perderam sua fé
Criaram o samba
A capoeira e o candomblé¹.

A desintegração do sistema do feudal a partir do século XV trouxe consigo grandes transformações que atingiram toda a Europa. O renascimento e o mercantilismo compunham esse quadro de mudanças, que pautadas de carga ideológicas, justificavam a disputa territorial e sua expansão entre as potências européias, cujo olhar projetava-se sobre os povos da África, América e Ásia. A corrida expansionista agregava também o projeto de catequese, instituído pela Igreja, cujo objetivo culminaria na expansão e difusão do cristianismo entre os povos. O aprisionamento e a comercialização de escravos presentes no sistema colonial eram também regularizados pela mesma, sob a justificativa de que esses sujeitos não pertenciam à humanidade, logo sua prática não incorria em crime ou pecado.

¹ Trecho da música: *Navio Negreiro*, escrita por Mestre Camisa

Segundo Andrade (2000), o mundo moderno foi gerado no século XIV e XV como resultado da expansão colonial, que permitiu o povoamento e a influência européia por mundos desconhecidos. A escravidão, o colonialismo, a violência sobre os corpos e a violação de suas crenças marcariam de forma inexorável a relação colono/colonizador, que influenciaria no rumo ao qual cada país trilharia. Aqui, pois, enseja o real valor deste primeiro momento, retroceder ao passado para compreender as bases constituintes da construção e formação da sociedade brasileira, seus atores e, principalmente o desafio da construção da territorialidade negra frente a esse processo.

Segundo Moraes (2000), toda sociedade para se reproduzir cria formas, mais ou menos duráveis, na superfície terrestre. Assim, o colonialismo compreende um conjunto de formas pelas quais se estruturou um sistema produtivo e uma vida social de portugueses em terras americanas, que resultara no começo da edificação do espaço nacional. Dessa forma, esse conjunto de mecanismos possibilitara não apenas a construção da sociedade brasileira, como também contribuiu para reprodução de um sistema por mais de quatro séculos.

Becker e Egler (1998) apontam que a divisão geométrica da costa atlântica em capitâneas hereditárias marca o início do processo de colonização em vários pontos do território, que tem como primeiro embate, o problema da mão-de-obra, oriundo do conflito entre a postura da Coroa, de cristianização dos índios para integrá-los no povoamento e os interesses dos colonos em escravizá-los. Resulta, pois, desse conflito o estabelecimento da Carta Régia de 1570, que institui através da legalidade a escravidão do índio somente quando a mesma se originar através de guerras. Face à dificuldade da mão-de-obra, este marco, constitui-se no precedente desencadeante da diáspora africana.

De acordo com Costa (1999), a escravidão do negro constitui-se na melhor forma encontrada pelos colonizadores para o povoamento das terras descobertas, cuja força representaria a motriz que aumentaria as atividades agrícolas da outra margem do Atlântico. A negociação de escravos negros em mercados abertos na costa africana, fora intensa entre os séculos XVI e XVIII, a sua comercialização compreendia quatro adversidades, que serão apresentadas a seguir:

a) A primeira concerne aos prejuízos originados pelas guerras na busca de expansão territorial, cujo vencedor teria pleno direito de escravizar e submeter esses povos aos seus ideais;

b) A segunda compreende a prática da sua comercialização, como se fossem objetos, assim trazia em seu corpo a contradição materializada do processo que transformara humanos em “coisas”;

c) A terceira está atrelada à longa e dolorosa travessia do Atlântico, a fome, os maus tratos, as doenças e a morte os acompanhavam nos porões de navios negreiros;

d) A quarta, porém, não a última em importância, corresponde ao sofrimento oriundo da exploração de sua força braçal nas grandes lavouras e a adaptação a uma nova realidade, onde se incluía a criação e a recriação de tradições africanas, como forma de auto-afirmação de suas identidades.

A comercialização de escravos compreendia o ramo mais importante de negócio daquela época. Segundo Becker e Egler (1998), o lucro oriundo de outras atividades consideradas como agente principal da economia, não era algo tão significativo para definir status social, quanto o número de escravos que os grandes senhores da época possuíam. Dessa forma é perceptível o valor que o negro possuía enquanto mercadoria a ser comercializada dentro do sistema colonial. No entanto, apesar de serem considerados como “coisa” ou objetos, foram estes os responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento da economia brasileira, através da força que representavam nas grandes lavouras.

O Espaço da construção e da formação: o desafio do reconhecimento

Muniz Sodré *apud*. Capoeira (1992) ressalva que no início da colonização até meados do século XIX era de interesse dos administradores coloniais e donos de escravos permitirem as manifestações culturais negras. Influindo não apenas como válvula de escape para atenuar as tensões inerentes à escravidão, como também para acentuar as rivalidades entre os grupos, que foram submetidos ao mesmo convívio. Era comum também evitar o número de escravos da mesma etnia numa mesma senzala, devido ao risco que estes ofereciam em rebelar-se contra o sistema.

Muitos autores defendem a tese que a capoeira surgiu do contato de escravos de diferentes grupos convivendo numa mesma senzala, porém no contexto ao qual se evidencia, seria bastante difícil ocorrer à mistura de compassos e ritmos que dariam origem a capoeira, tendo em vista a presença do antagonismo entre as etnias, que embora não fossem fortes a ponto de provocar conflitos entre os grupos, favoreciam ao seu distanciamento.

Segundo Capoeira (1992), as permissões para a prática das Confrarias Religiosas negras desempenharam papel importante na criação de circuitos sociais paralelos, embora recaíssem sobre estas, o olhar vigilante dos senhores e da Igreja. Dessa forma sua permissão marcaria o início da estratégia africana de jogar com as ambigüidades do sistema que vigorava, visto que, muitas vezes reviviam de forma “clandestina” seus ritos e referenciavam aos seus deuses.

De acordo com Becker e Egler (1998), a sociedade nesse período era estruturada por dois setores, o primeiro era constituído pela classe privilegiada, o outro compreendia a uma massa da população livre composta por “brancos pobres”, indígenas civilizados, e negros livres, com ocupações incertas, permanecendo, pois, desenraizados, móveis e flutuando em torno da sociedade organizada. A presença de negros desempenhando outras atividades desvinculadas das grandes lavouras foi acentuada a partir do século XVIII, quando se fez notar também o crescimento efetivo das cidades e sua urbanização, criando assim um outro tipo de escravo, o escravo doméstico.

Capoeira (1992) aponta que embora imaginem a capoeira nascendo e crescendo no ambiente rural talvez tenha sido nas cidades o local onde a mesma começara a ser praticada, devido ao número de negros libertos e “negros de ganho” que circulavam nas ruas e praças das cidades, e dentro destas, locais específicos onde estes se encontravam. Durante a vigência da escravidão, em muitas regiões, 2/3 da população era constituída de negros, homens livres que em diversas áreas fizeram greves e motins e organizaram-se em sociedades e sindicatos. Crimes, fugas, trabalhos mal executados, ordens não cumpridas e negligencias eram formas encontradas pelo escravo de protestar.

A mítica de retorno à África sempre impulsionou os negros escravos a lutarem contra o sistema escravocrata, muitos conseguiram comprar a sua carta de alforria e retornaram a sua nação, muitos lutaram em vários levantes de cunho religioso para a tomada do poder. Porém comprovada e aceita a impossibilidade de uma vitória militar que os levassem ao poder, e com a extinção do tráfico negreiro em 1850, a comunidade negra se debruça sobre a sua situação e perspectiva. Assim a impossibilidade de retorno aos seus locais de origem fez com que estes buscassem abrir espaços e encontrar lugar aqui, instalando no Brasil uma África.

O século XIX é profundamente marcado por mudanças políticas, econômicas e sociais. A I Revolução Industrial se processa em toda a Europa, o desenvolvimento das novas formas de capitalismo coloca em crise o sistema colonial, pensamentos emancipacionistas e abolicionistas se espalhavam por toda a Europa e concomitantemente influenciando as

colônias. A transferência da Corte para o Rio de Janeiro resultou na Independência da Colônia em 1822. A fase de transição do sistema colonialista para o Império, não modificara a estrutura econômica tradicional da época que continuava a estabelecer regras. No que concerne aos ideais abolicionistas, a sua transição fora longa e dolorosa. Nesse contexto a sociedade era marcada pela ambigüidade de decisões, de um lado autoridades religiosas criticavam as torturas feitas aos escravos, do outro lado os senhores de escravos ainda utilizavam a mão de obra servil em suas lavouras.

A instabilidade do sistema anterior ainda influenciava os primeiros anos de Império, caracterizado pela economia mercantilista de abertura dos portos ao mercado internacional. A Inglaterra e outras potências da época contestavam o sistema escravocrata ainda existente nas colônias. De acordo com Costa (1999), a existência de uma grande massa de escravos nessas regiões parecia um entrave à expansão de mercados e a modernização dos métodos de produção. Os novos grupos comerciais estavam desvinculados das grandes propriedades agrícolas, conseqüentemente o sistema escravista estava condenado a se extinguir. O declínio da cultura cafeeira veio a reforçar a possibilidade de uma evolução do trabalho livre. Em toda a parte encontravam-se escravos desempenhando atividades, tanto em canaviais, engenhos e campos, como nas cidades, pois estes, ainda constituíam-se em principais instrumentos de trabalho.

O declínio da agricultura canavieira no nordeste, a ascensão da agricultura cafeeira no sudeste e a extinção do tráfico negreiro resultaram no deslocamento interno de negros entre as regiões, alguns negros na condição de libertos, perambulavam dentro da sociedade. Segundo Capoeira (1992), para a sociedade da época, os escravos eram corpos duplamente estranhos, primeiro por serem negros, segundo por serem livres, e nestes recaía o olhar vigilante das autoridades da época. As confrarias até então consentidas pela comunidade branca passam a serem repreendidas, a transição da corte para o Rio de Janeiro fora a responsável por um quadro de mudanças e decretos na sociedade, entre estes foram estabelecidos decretos que reprimiram as manifestações negras

A construção do território brasileiro e negação da territorialidade negra

Somente nas últimas décadas do século XIX, autoridades, fazendeiros, políticos, cientistas e parlamentares discutiam o fim da escravidão e o destino dos libertos. Eram tempos

de efervescências, faziam-se revoluções em nome da liberdade, mas em nome do direito de propriedade, mantinha-se ainda um enorme contingente de homens ainda escravizados. Discutiam o progresso e a civilização, metas que só poderiam ser alcançadas com a abolição. Muitos escravos são alforriados, muitos fogem e se instalam em quilombos na periferia das cidades, nota-se também a presença de uma intelectualidade que discute na rua e escreve em jornal a favor da extinção da escravidão. O ambiente é crítico e caótico, logo as condições tornam-se favoráveis para a implantação do golpe militar, que derrubaria a monarquia em 1989. Segundo Capoeira (1992), o golpe militar vai tentar organizar o caos, ou seja, disciplinar uma população negra, visto que, para os militares estes eram os responsáveis pelas fugas, pela criação de quilombos na periferia das cidades, eram estes que perambulavam nas praças ameaçando a população.

Nesse sentido Soares (2004), aponta que a capoeira representava uma parcela importante dos motivos de prisões de escravos, apesar de não ser, logicamente, o único. Roubos fugas, conflitos com policiais e com outros escravos estavam entre as modalidades de crimes mais freqüentes, que aterrorizavam a sociedade da época.

A capoeira como também as outras práticas africanas durante esse período representavam muitas vezes a única forma de resistir a toda estrutura montada dentro da sociedade. Também se constituía numa estratégia para lidar com a brutalidade do sistema escravista, que apesar de castigos, repressões e todo o aparato que dispunham para manter a “ordem” não conseguira controlar o clima de tensões e conflitos nas cidades. Segundo Soares (2004), a capoeira é um fenômeno eminentemente urbano, onde bastava que as hostes policiais deixassem por um instante sua vigília para que ruas centrais e principalmente as praças — local propício para a dispersão de indivíduos quando algum perigo se aproximava — fossem testemunhas dos passos do jogo. O autor aponta também que:

Como seria de se esperar as praças abertas eram locais de predileção para os exercícios do “jogo”, não somente pelo seu amplo espaço, mas por facilitar a fuga, nem sempre bem-sucedida. (...) A divisão de grupos por praças ou áreas de treinamento deve ter contribuído para sedimentar a formação de maltas em pontos dispaes da cidade, uma segmentação que alcançaria grande refinamento na segunda metade do século. (SOARES, 2004, p.75)

A Lei Áurea de 1888, fora estabelecida, liberdade aos escravos, nada possuíam, nada representavam dentro da sociedade, insistiam na necessidade da vinda de trabalhadores livres, especialmente europeus, pois somente o europeu seria capaz de garantir a civilização e o

progresso. Mas o que fazer com os negros? Que espaços eles ocupariam? Como seria a sua inserção na sociedade brasileira? As respostas a esses questionamentos são evidentes em consideração ao contexto atual, porém boa parte da literatura produzida deixa uma grande lacuna sobre esse período da história, e como uma espécie de ruptura brusca passa a evidenciar a chegada dos imigrantes ao Brasil, tratando-os como invisíveis àqueles que trabalharam na consolidação e prosperidade da economia do país durante séculos.

Segundo Costa (1999), a abolição resultara mais do desejo de livrar o país dos inconvenientes da escravidão do que emancipar o escravo, as camadas sociais dominantes não se ocuparam do negro e da sua integração nas sociedades de classes. O ex-escravo foi abandonado à sua própria sorte. Suas dificuldades de ajustamento às novas condições foram encaradas como prova de incapacidade do negro e da sua inferioridade racial.

Desencadeia-se junto ao processo de “liberdade” a transição do regime monárquico para o republicano, eram também tempos de debates sobre a consolidação da nação brasileira. Becker e Egler (1998) apontam que a República se fez através de grupos militares, expressando o interesse da classe média que se desenvolvia sob a forma de liberalismo, que buscava a valorização do trabalho não manual, logo se diferenciava em todos os campos do trabalho escravo, agora considerado como fator responsável ao atraso técnico.

Com os ideais de trabalho livre, reforçava-se a visão de controle social, especialmente nas cidades. Nesse contexto, de acordo com Fagundes e Gomes (2007), não trabalhadores eram considerados vadios, e estes certamente constituíam-se de ex-escravos libertos, transformados em negros frente a esse momento de consolidação dos projetos de nação. Aponta-se também para a necessidade da unidade nacional, cuja ausência constituía-se também em um defeito a ser superado, marcando dessa forma a passagem de um Brasil sem identidade, para um Brasil nação com uma identidade única.

De acordo com Campos (2007), a construção da nação com identidade, língua, e povo único, era prioritária, em detrimento do fortalecimento e reconhecimento de outras identidades étnicas. O Brasil representava nesse século um expressivo exemplo de sociedade, ensejando nesse contexto o mito de democracia racial, visto que a nação compreendia uma identidade mesclada pela presença do índio, que aqui vivia quando o país fora “achado”, sendo este posteriormente submetido ao trabalho escravo pelo europeu, que logo em seguida também lançaria mão ao escravo negro africano e que fora depois substituído pelo imigrante europeu durante a instalação da República.

O negro caracterizado como selvagem e inferior, constituía-se em mito que justificara a expansão colonial durante séculos, no contexto República, ele é visto como um fator negativo para o desenvolvimento da sociedade, pois se criou a imagem que os negros eram incompatíveis com a modernização e todos os avanços oriundo da mesma. O negro mais uma vez era tratado como objeto, quando não objeto descartável. A sociedade brasileira negou e ainda nega, porém de forma mais camuflada a territorialidade negra, e sua presença dentro do processo de construção da nação. Idéias apregoavam que a sua presença representava um atraso para a sociedade, logo a superação desse agravante tornava-se cada vez mais urgente. Fagundes e Gomes (2007) argumentam que, tanto os estudos de economia e industrialização, como aqueles sobre os movimentos operários desvincularam escravidão do trabalho livre e assalariado e pior, ajudara a construir imagens sobre trabalhadores negros incompatíveis com máquinas, modernização, disciplina e avanço técnico.

A origem da prática da capoeira: a presença de múltiplas territorialidades dentro de um território projetado pelo poder hegemônico

Ao longo do histórico apresentado, é perceptível à imagem do negro atrelada à idéia de barbárie, a repressão fora intensa, as marcas negativas desse processo alcançaram os dias atuais. A todo o momento o negro fora tratado como objeto, seus desejos reprimidos, suas práticas e costumes proibidos. Porém este não é um sujeito apático a esse processo. Embora a vigilância fosse intensa, fora desenvolvida formas de diálogos entre os negros escravos. O jogo da ambigüidade, as fugas, as revoltas e os quilombos, provam tal afirmação.

Se as rivalidades existentes entre grupos negros os separavam, se o escravo da casa grande menosprezava o escravo da grande lavoura, estas rivalidades não fora mais forte que o desejo de lutar pela liberdade, visto que, embora oriundos de grupos diferentes estes comungavam de uma mesma condição, a escravidão. Esse precedente constitui em fator preponderante para criação de novas formas de comunicação, construção e reconstrução de hábitos.

Costa (1999) argumenta que enquanto a senzala existiu, esta esteve dividida por rivalidades e antipatias, nas zonas rurais o negro da casa grande tinha melhor sorte do que seu parceiro do campo. Nas cidades os negros isolavam-se por nações: os minas, os cassangues, os moçambiques e os congos. A consciência de solidariedade formou-se tardiamente entre os

escravos, a ação abolicionista foi fator importante para isso, instigando-os a unirem-se para conquista da liberdade e lhes fornecer os meios.

A possibilidade de conservação das tradições culturais africanas foram mais visíveis nas cidades do que no campo, visto que nos núcleos urbanos a possibilidade de encontrar companheiros favorecia os agrupamentos de negros da mesma proveniência. Para Costa (1999) a escravidão constituía-se em empecilho a conservação das tradições africanas, rompiam-se as antigas estruturas sociais e impedia-se a perpetuação de cultos. Misturavam-se povos de origens diversas e tradições diferentes, cujo objetivo já fora apresentado anteriormente. As antigas tradições transportadas da África sofriam um processo de reinterpretação baseados em novos quadros, algumas tradições persistiram, embora profundamente modificadas. As músicas que acompanhavam os escravos durante a realização de suas atividades compunham uma mescla de palavras de origem portuguesa e de origem africana.

Embora os batuques nas cidades fossem proibidos, pois se temia que os agrupamentos de escravos desencadeassem movimentos que perturbassem a ordem vigente, nos núcleos urbanos eles encontravam maiores possibilidades para sua emancipação e convívio desfrutando de uma vida mais amena que os escravos da grande lavoura. Em contrapartida se os senhores de engenho permitiam que escravos negros dançassem em dias de festas², como válvula de escape, visando atenuar tensões, no campo o arbítrio do senhor era lei, e as condições de trabalho mais penosas.

No que tange a prática da capoeira, persistem controvérsias, Capoeira (1992) aponta as várias teorias existentes sobre a origem da sua prática, se fora criada na África e trazidas pelos escravos ou se fora uma “invenção” dos africanos trazidos para o Brasil. As teorias divergem também sobre o seu surgimento no território brasileiro, alguns apontam que a mesma se desenvolvera nas senzalas das grandes plantações de cana-de-açúcar e café, a partir do ano de 1500. Outros afirmam que floresceu nos quilombos. Ou, ainda, que se desenvolveu nas grandes cidades brasileiras como Rio, Salvador e Recife, a partir de 1800. De acordo com o mesmo autor o que se pode afirmar é que a capoeira constitui-se numa criação de escravos africanos no Brasil. Contudo ainda existem muitas lacunas³, e os documentos que servem de subsidio para as fundamentações de trabalhos remontam a partir do ano de 1808, período que

² Vale ressaltar que a maioria das festas eram de cunho religioso e católico.

³ As lacunas também foram abertas a partir do momento em que Rui Barbosa na posição vice-chefe e Ministro da Fazenda do governo provisório ordena que sejam incinerados todos os documentos referentes à escravidão.

compreende a chegada da corte de D. João VI, o rei de Portugal, ao Brasil. Visto que, após esse momento os registros dos eventos daquela época começaram a ser feitos, pelos burocratas da corte.

Como já fora abordado anteriormente, esse período marca também as mudanças na estrutura da sociedade, compreendendo o início de repressões a várias manifestações da cultura negra. Se as mesmas foram antes permitidas e incentivadas pela sociedade escravocrata, o momento em que se segue, compreende não apenas a proibição das práticas culturais, como também as repressões e os castigos para aqueles que fossem de encontro a toda estrutura social de ordem hegemônica montada. Nestor Capoeira aponta que:

Em 1821 – em plena escravidão – a Comissão Militar do Rio e Janeiro escrevia ao ministro da Guerra “reconhecendo a necessidade urgente de serem castigados pública e peremptoriamente os negros capoeiras, presos pelas escolas militares em desordens”. A Comissão reprovava o intendente-geral da polícia, que os mandava prender e logo os soltava, caso não tivessem culpa em juízo – “do qual resulta dano a seus senhores, que são obrigados a pagar as despesas da cadeia” -, e não resolvia o problema: somente o açoite em praça pública “os atemorizava e aterra... e aparece o exemplo público. (CAPOEIRA, 1992, p. 48)

Isto provocou uma resposta na capoeira que, se ora apenas "engatinhava" e era praticada por pequenos grupos de escravos, passa a assumir um caráter mais violento, onde aos poucos, pequenos grupos começam a se organizarem em maltas aterrorizando as cidades, em especial o Rio de Janeiro, sede da corte no período em destaque. A capoeira baiana muito menos atuante e menos poderosa, na época sobreviveu, devido ao fio condutor estabelecido entre sua prática e a religião, embora também tenha havido perseguições e repressões. Se antes as maltas eram compostas apenas por escravos “ladinos”⁴, em 1870, as maltas já tinham absorvido homens de todas as cores, nelas conviviam não apenas escravos, mas também militares de todas as patentes e aristocracia. As maltas também foram utilizadas como pequenos exércitos patrocinados por grupos políticos, acentuando o conflito entre monarquistas e republicanos em épocas de eleições.

Após a extinção da escravidão e implantação do Regime Republicano, as perseguições se tornaram mais constantes, no ano de 1890 a capoeira fora oficialmente colocada fora da lei através da criação e estabelecimento do Código Penal, visto que muitas maltas apoiavam os políticos monarquistas e, além disto, dominavam as ruas. Uma repressão e perseguição

⁴ Os escravos ladinos compreendiam aqueles que já estavam adaptados ao Brasil.

violenta desbarataram a poderosa capoeira carioca, que aos poucos começa a ser extinta dos territórios urbanos. A época a qual se analisa é considerada como período em que a capoeira fora vista como marginal, pois após a abolição, muitos ex-escravos não encontravam espaços dentro da sociedade, visto que, não possuíam especialização da sua mão-de-obra para a nova ordem política e econômica que se estabelecia. Assim passam a utilizar a capoeira como forma de subsistência, através de roubos e outros delitos.

Nestor Capoeira apresenta as diferenças e trajetórias da capoeira nos principais centros urbanos do Brasil na época em que à mesma entra no seu período designado marginalidade, assim o mesmo afirma que:

... as trajetórias carioca, pernambucana e baiana diferiram muito umas das outras: no Recife, os “moleques de banda de música” foram extintos por volta de 1912; no Rio de Janeiro, as maltas, usadas indiscriminadamente por políticos de diferentes facções, vão sendo extintas após a República, sobrevivendo apenas o capoeira malandro e marginal que chegaria até quase nossos dias; na Bahia, a capoeira com “um fio condutor ligado à religião” é também perseguida – o capoeirista como indivíduo, já que ali não se configurou o fenômeno das maltas - , mas sobrevive a essa época, coisa que não aconteceu no Rio e Recife. (CAPOEIRA, 1992, p.59)

Em Salvador, na Bahia, por volta de 1920, à capoeira baiana que não tinha muita visibilidade durante todo o período de 1800, já tinha absorvido elementos africanos lúdicos de dança, música, jogo, ritual, diferente da capoeira das maltas cariocas que era somente de luta. Com estas características, mais amplas, a capoeira baiana se tornou numa espécie de "arma cultural" utilizada pelos africanos, e seus descendentes, para re-afirmar sua identidade e resistir à sociedade branca dominante e hegemônica ao lado de outras manifestações culturais. A utilização desta estratégia possibilitou a capoeira baiana — diferente da carioca — sobreviver à perseguição policial no final do século XIX e continuou a se desenvolver, na marginalidade, até a década de 1930, quando a prática da capoeira começou a ser permitida.

A primeira República fora caracterizada, como república dos grandes latifundiários, que exerciam o poder local, nesse contexto a expansão territorial sede lugar a legitimação do Estado, ora efetuada por vias militares e diplomáticas. A transição da então República Velha para o “Estado Novo” é mediada pela implantação do Golpe do Estado, que levara Getúlio Vargas ao poder. Este, pois, representa um grande expoente para a mudança de rumo que a prática da capoeira irá absorver. Becker e Egler (1998) definem que, uma das principais metas

adotadas por Getúlio Vargas fora construir um governo forte para resistir à fragmentação social da nação, dessa forma o objetivo nacional foi colocado acima dos interesses de classes, visto que a antiga República representava os interesses de apenas duas classes latifundiárias, a de Minas Gerais e de São Paulo. Getúlio quis construir uma nova identidade, e uma nova face para o Brasil, baseada na modernidade, na indústria e no “trabalho sério”. Sobre esse período Nestor Capoeira aponta que:

Uma figura-chave desta nova mudança nos rumos da capoeira é Getúlio Vargas. Eis algumas considerações de Júlio César de Souza Tavares: Getúlio teve uma política bem do tipo ‘Napoleão Bonaparte’ — toma lá, dá cá. Em 1934 extingue o decreto lei que proibia a capoeira e a prática de cultos afro-brasileiros (...), mas por outro lado ele obriga que tanto os cultos quanto a capoeira sejam realizados fora da rua, em recinto fechado com um alvará de instalação. (CAPOEIRA, 1992, p.59)

Vargas também compreendia que a capoeira poderia fazer parte do novo "rosto" deste novo Brasil. Contudo visualizara que, nem a capoeira violenta das maltas cariocas dos anos de 1800, nem a capoeira baiana, da década de 1920, praticada pelo desordeiro sempre metido em confusão com a polícia, serviriam para dar um rosto disciplinado ao Brasil. Nesse sentido torna-se claro e evidente a estratégia da política de Vargas, que embora permitisse as manifestações culturais negras, as mesmas estariam sob uma forma mais fácil de vigilância — os recintos fechados. Assim o mesmo utiliza a capoeira para o discurso de corpos e espíritos disciplinados que constituiriam a nação, onde professores dessa determinada prática seriam responsáveis por atuarem como vigilantes e controlador destes corpos.

A partir da década de 1930, a Bahia fora palco da criação do "Centro de Cultura Física Regional" e "Centro Esportivo de Capoeira Angola" sob alvará de permissão. Estes centros foram responsáveis mais tarde, por dividir a capoeira em duas vertentes, a Regional e a Angola, cujos principais ícones são respectivamente Mestre Bimba e Mestre Pastinha, os quais serão trabalhados posteriormente no processo de ressignificação da mesma.

Após a década de 1950, a capoeira baiana se faz notar emigrando para o Rio e São Paulo, e todo o Brasil, preenchendo as possíveis lacunas deixadas pelo período no qual à mesma fora aos poucos extinguida devido a forte repressão que passara sob a condição de marginalidade. Os anos que se seguem, já com um método de ensino mais sofisticado devido ao trabalho de jovens mestres do Rio, São Paulo e Salvador, a capoeira fora difundida pelo

exterior, ora por iniciativa pessoal, ora por iniciativa de alguns jovens, alcançando dessa forma os dias atuais.

Com base no que fora discutido nesse primeiro momento pode-se concluir que, a capoeira muito mais que uma dança, jogo ou luta, faz parte de uma herança cultural africana em terras brasileiras. Se antes sua prática representava válvulas de escape a toda estrutura montada pelo sistema hegemônico, a mesma passa a tomar corpo ao longo dos anos, e sua conotação agora compreende formas de resistência e inserção a um sistema que a todo o momento negava e reprimia a territorialidade negra dentro do processo de construção do território brasileiro.

Assim, o início do processo de formação e construção da sociedade brasileira foi marcado pelas contradições existentes entre dominantes e dominado. Onde a presença de um poder hegemônico subjugava toda e qualquer forma de manifestação cultural que não compreendesse uma cultura eurocêntrica. Dessa forma apreende-se que esses espaços de construção e formação eram marcados por um jogo de diálogo caracterizado por uma territorialidade que oprime e persegue, e que paralelo a esta são estruturadas territorialidades de lutas e resistências que buscam visibilidade dentro desse processo de formação.

Embora a ordem dominante dispusesse de aparatos tanto materiais, quanto ideológicos para sucumbir às manifestações negras, estas aos poucos começam a jogar paralelo a esse sistema, criando formas de diálogos e estratégias dentro do mesmo, buscando nas brechas deixadas pela sociedade formas visíveis de atuação, assim, ao passo que o negro resiste ele passa a existir e conquistar espaços de visibilidade. A negação dessa territorialidade passa a ameaçar de forma visível e acentuada toda uma estrutura montada, mostrando que as relações sociais são dinâmicas e os territórios por abarcar todas essas relações também o são.

Tradições e ressignificações na roda de capoeira

A cultura e o diálogo com o presente

Eu não tenho sangue baiano
 Mas sou descendente de africano
 E a minha Capoeira tem valor
 A Capoeira evoluiu, junto a sua idade
 Hoje a Capoeira é coragem
 Esporte com fraternidade
 E também é a liberdade.⁵

A capoeira é uma das expressões da natureza humana, fruto de nossa história. Características como força, autodefesa e resistência à situação de opressão constituíram-se em elementos propulsores para a criação e difusão da prática ao longo dos anos. De “coisa de vagabundo” passa a ser vista como Patrimônio Cultural Brasileiro, cuja prática ultrapassara as bases de um sistema hegemônico vigente, perpetuando sobre diversos contextos históricos sob a forma de cultura.

No trabalho ora desenvolvido, não nos propomos a fazer levantamentos sobre sua origem ontológica e/ou sua etimologia, uma vez que nos dedicamos a analisar e avaliar a sua importância para a construção e consolidação da sociedade brasileira e a apropriação da prática da capoeira aos espaços das ações sociais, sobretudo no contexto atual.

Ao tentarmos efetuar uma análise sobre uma determinada cultura Geertz (1989) nos alerta que, tal façanha é algo intrinsecamente incompleto, e, o que é pior, quanto mais profundo, menos completo. Dessa forma o campo a ser percorrido constitui-se num universo amplo, repleto de possíveis leituras e variadas interpretações, difíceis de serem mensuradas em sua totalidade.

Ainda nos debruçando sobre os estudos de Geertz (1989), o mesmo concebe a cultura como algo que está localizado na mente e no coração dos homens, caracterizando-a como um fenômeno psicológico, uma característica da mente, da estrutura cognitiva de alguém, onde estruturas e significados são socialmente estabelecidos. A cultura dessa forma representa construções mentais criadas pelos homens e materializadas em suas ações, cujo principal poder é o de organizar as suas ações.

⁵ Trecho da música: *Eu sei que sou um Capoeira*, escrito por Mestre Paulão em Janeiro de 2009.

Jackson *apud*. Corrêa (2003) argumenta que as culturas são mapas de significados através dos quais o mundo se torna inteligível. Elas não são simplesmente sistemas de significados e valores que temos na mente, elas são os modos pelos quais as relações sociais de um grupo são estruturadas e modeladas, experienciadas, entendidas e interpretadas.

Aqui, a cultura é entendida como prática essencialmente humana de produção de significados sobre o mundo, significados estes que são partilhados socialmente e transmitidos sob a forma de comportamento e/ou modos de pensar. Assim, o seu conceito é essencialmente semiótico, onde os significados são transmitidos historicamente, incorporados em símbolos e materializados em comportamentos.

Vinculamos tal argumento à produção de significados da prática da capoeira, significados estes que se materializam e tomam corpo ao longo dos anos, construindo identidades, estabelecendo formas de viver e influenciando atitudes. A cultura nesse sentido é vista como peça aglutinadora de indivíduos, que comungam dos mesmos ideais, respondem interpretam as mesmas construções mentais, mediante as produções simbólicas que conseqüentemente influenciam na construção de identidades.

Para uma melhor apreensão desta íntima relação entre os indivíduos e a simbologia, que interfere e reproduz no comportamento dos sujeitos, e, por conseguinte interferem na sua forma de conceber o mundo, Bordieu (2002) aponta que qualquer tipo de espaço geográfico é embutido de representações e interpretações constituídas de signos, onde estes exercem poder sobre os indivíduos.

No trabalho ora desenvolvido a cultura além de ser apreendida como um fenômeno psicológico que interfere na produção de sentidos e ações frente ao mundo, ela também é concebida como algo que está intimamente entrelaçado a questões de poder. Este por sua vez se materializa nas lutas de classes, oriundas do desejo de visibilidade dentro dos espaços sociais, na luta contra as desigualdades e o sofrimento.

Ao longo dos anos, a prática da capoeira dialoga com os contextos históricos das sociedades, se ressignifica, se transforma. Ora é aprendida como instrumento que perturba uma ordem vigente, ora é vista como arma dos marginalizados e instrumento de defesa frente ao sistema repressivo imposto.

As transformações que a mesma sofrera ao longo dos anos resultam desse diálogo estabelecido dentro das sociedades. Nessa perspectiva de mudanças, as ressignificações que acompanham o histórico da capoeira não são apreendidas como processo de adaptação a

ordem vigente, mas sim como instrumento de inserção dentro da mesma. Dotando a sua prática de valores grandiosos e significados de luta e resistência que se propagam e conquistam espaços de visibilidade dentro das sociedades.

O legado deixado pela prática da capoeira, aqui vista como um fenômeno cultural, político e geográfico não fora algo palpável, ou que pudesse ser mensurado. Mas sim uma estratégia social, uma forma de lidar com as opressões — uma luta de e pelo poder, como fora colocado anteriormente — e que sobrevive ao longo dos anos metamorfoseando-se, adquirindo novos elementos, abandonando outros, mas que apesar de tudo, consegue transmitir o legado de herança afro-brasileira que a mesma comporta.

A apropriação dessa prática enquanto forma de resistência, disciplinarização de corpos e arma cultural - durante os vários contextos históricos de transformações políticas e econômicas da sociedade - esteve e está atrelada ao desejo de dar permanência e visibilidade as identidades dentro dos espaços. Assim a capoeira constrói seu significado em espaços de opressão, de interesses políticos e de interesses mercantilistas, que visavam a sua descaracterização e a perda da sua ancestralidade africana.⁶

O mesmo corpo que dialoga com os espaços, assume dentro do universo da capoeira o significado de arma de defesa, e funciona como arquivo que comporta toda uma forma de viver e um legado de tradições. O corpo traz consigo a memória, e esta funciona como um motor propulsor que transmite ao longo das gerações registros, fatos e vivências que vagueiam dentro do imaginário de cada cultura. No que tange ao poder que a memória tem sobre a perpetuação das culturas e a inserção destas na sociedade, comungamos dos argumentos de Abib (2005), onde o mesmo defende a importância da educação não-formal, uma vez que esta se encontra vinculada às tradições orais das culturas populares e possuem papel importante dentro de determinados grupos sociais que transmitem saberes e conhecimentos sem depender de processos formais institucionalizados.

Ao longo dos anos apreende-se que as formas utilizadas para a transmissão do conhecimento estavam - e ainda permanecem em sua maioria - atreladas a uma classe hegemônica, que marginaliza formas de saber popular, deixando a margem outros saberes que

⁶ O tripé ora apresentado está atrelado a três momentos marcantes da capoeira. O primeiro refere-se ao período de escravidão, quando a mesma assume forma de resistência; o segundo corresponde ao período de apropriação de sua prática para a construção de uma identidade nacional, pautada em ideais de uma sociedade moderna e racional; e o terceiro está atrelado ao momento em que há uma possível descaracterização da sua prática, quando ideais mercantilistas passam a ser incorporados a mesma, levando assim ao desejo de recuperação do seu legado histórico e vínculo direto com a cultura.

são oriundos de tradições e culturas presentes na nossa sociedade. A capoeira nesse contexto não se isenta dessa marginalização, conseqüentemente são desprezados os sistemas simbólicos e o legado cultural de suas próprias formas de transmissão, pautadas na memória e oralidade.

No que tange a capoeira enquanto cultura afro-brasileira, onde discussões e pesquisas são desenvolvidas visando apreender sua origem e datação, aqui destacamos a importância do poder da memória para detectarmos não apenas a origem ontológica da capoeira, mas, sobretudo, as transformações que a mesma sofrera ao longo dos anos⁷ e a sua importância dentro das sociedades. Nesse sentido, Geertz (1989) nos alerta que na cultura o importante não é saber o seu sentido ontológico, o que devemos indagar é qual é a sua importância: o que está sendo transmitido com a sua ocorrência e a través de sua agência, seja ela um ridículo ou um desafio, uma ironia ou uma zanga, um deboche ou um orgulho.

Caminheemos para um consenso no que se refere à origem da prática da capoeira enquanto fenômeno social agregador e novamente somos surpreendidos com as palavras de Muniz Sodré apud. Capoeira (1992), onde o mesmo aponta que o importante não é o começo — a data histórica não tem tanto interesse assim, diz ele, mas sim o “princípio”: quais são as questões que a geraram e o que a mantém em expansão. Isto é: o conjunto de condições e circunstâncias históricas e culturais para que aquele jogo tenha se expandido. No caso da capoeira, a historicidade, o “começo” é brasileiro, mas o “princípio”, o fundamento, o mito são africanos.

Dessa forma, há uma unanimidade em considerá-la como uma cultura afro-brasileira, que surge como um instrumento agregador, de luta contra a situação de extrema violência a qual estavam os negros escravos submetidos e no qual o saber corporal inscrito em cada membro do seu corpo transformava-se em arma a serviço de sua defesa, resistência e libertação. Para tanto, Abib (2005) nos mostra que o corpo era o único lugar seguro que os negros possuíam, e coube a este, o lugar onde a herança do que ficou perdido ficaria resguardada. E a este corpo, coube através da memória e da oralidade a transmissão de sua prática, preceitos e significados que foram passados de geração em geração até a sua configuração atual.

⁷ O poder da memória também é utilizado na tentativa de (re)construir a história.

Tradições e ressignificações

Se a memória fora peça chave na perpetuação da prática da capoeira, aqui nos debruçamos sobre registros realizados graças à contribuição da mesma, para mostrarmos algumas das modificações e ressignificações que a mesma sofreu frente ao processo de inserção da sua prática nos espaços visíveis da sociedade. Continuamos assim, a caminhar sobre o universo da capoeira e seu diálogo com os contextos sociais, tomando como ponto de partida o momento em que a sua prática deixa de ser vista aos olhos do Código Penal como algo criminoso e subversivo à sociedade.

O fenômeno das maltas que se configurara como uma resposta violenta da capoeira a repressão que sofreu no final do século XIX, deveu-se aos muitos escravos libertos que não conseguiram se inserir dentro das sociedades. Muitos caíram na marginalidade e levaram consigo a capoeira. Ela continua a representar nesse contexto uma forma de defesa, vetor de inconformismo, mas também, passa a ser vista como uma estratégia de sobrevivência e de conquista de territórios dentro dos espaços. Nesse sentido, Soares aponta que:

Não raro os infratores eram presos individualmente, mas a capoeira geralmente era uma atividade grupal. Grupos organizados (maltas ou “badernas” na linguagem da época) com líderes designados, hierarquia interna, “territórios” demarcados, competiam entre si, travando batalhas pela posse desses territórios e cometendo atos de violência. (SOARES, 2004, p.66)

Assim, a capoeira e as atividades das maltas podem ser caracterizadas como um espaço bem sucedido de afro-brasileiros, que através da luta e persistência estabelece um espaço social de diálogos. Nesse contexto, destaca-se também, a importância destas enquanto meios de sociabilidade de uma cultura negra, que tinha também como aporte as irmandades de pretos constituíam-se em pontos centrais de articulação desses sujeitos. No que concerne a estes espaços de sociabilidade, Soares (2004) argumenta que apesar de criados pela igreja, como forma de inserção dos africanos no imaginário católico, estas confrarias de leigos eram dirigidas por escravos libertos, que tinham aí seu único espaço de organização legítimo dentro do mundo colonial.

As estratégias de diálogos não foram escassas dentro desse período, muito pelo contrário, elas exerciam forte papel dentro dessas comunidades marginalizadas, que ao longo

dos anos aprenderam jogar com as ambigüidades do sistema. Dessa forma, estes sujeitos sabiam o momento certo e oportuno para agir, provocar e aterrorizar a ordem vigente estabelecida. Dessa forma, era não apenas preferível como também vantajoso para o negro, utilizar o calendário festivo da sociedade colonial para reviverem de forma clandestina e ambígua suas tradições, mas, e, principalmente para desestruturar a ordem da sociedade. Soares (2004) argumenta que, os dias de festas eram utilizados como dias estratégicos para praticar atos de rivalidade, acertos de conta, visto que a multidão ajudava os mesmos a se dissiparem.

Evidenciamos assim, que a prática e as atividades ligadas à capoeira possuem uma espécie de geografia dos lugares e do tempo. No que tange ao primeiro item, a geografia dos espaços encontra-se atrelada à disputa por territórios, as conquistas por zonas de poder, além claro dos espaços abertos das praças, os quais facilitavam a dispersão dos indivíduos quando algo os ameaçava durante o período em que essas práticas eram consideradas como criminais. No que se refere à geografia do tempo, levam-se em consideração os horários em que esses grupos agiam, destacamos assim o horário noturno, quando a classe hegemônica se recolhe aos espaços internos de suas residências, e as ruas passam a ser ocupadas por indivíduos que a mesma marginaliza. Não deixamos de ressaltar também, o tempo festivo do calendário adotado pelos senhores da época, e nele percebemos as estratégias utilizadas pelos grupos, que uma vez articulados, utilizavam esses momentos para fazerem sentir sua presença e estabelecer dentro desse território festivo, a sua territorialidade.

Caracterização da Capoeira

A capoeira em sua história comporta-se como o bom capoeira no jogo: dá reviravoltas súbitas e inesperadas, engana, finge que vai mas não vai e logo já foi e já voltou e deu a volta por cima. O que se pode entrever em todo este processo é que ela – capoeira – não se move na direção que esta ou aquela figura querem lhe dar, ou, quando o faz, é por uma breve e ilusório período de tempo. (CAPOEIRA, 1992. p. 107)

Se estudos e discussões, realizadas por autores como Capoeira (1992), Abib (2005), e Silva (2003), temem as ressignificações da prática da capoeira ao longo dos anos, aqui não estabelecemos juízo de valor sobre a mesma. Não defendemos nem apoiamos as suas mudanças, mas colocamos as suas ressignificações numa espécie de “balança”. São dois pesos

iguais, de um lado, acreditamos que essas transformações contribuíram para tornar viva essa cultura dentro da sociedade, ocupando espaços de visibilidade, construindo territórios e identidades. Em contra peso ressaltamos o perigo que a descaracterização da mesma - oriunda de práticas capitalistas - pode acarretar na manutenção dessa tradição de africanos e afro-descendentes na nossa sociedade.

Para citarmos algumas das principais características das rodas de capoeira dentro dos espaços que a mesma, ocupa na sociedade atual, retornamos ao início do século XX, em especial a década de 1930, onde a prática da capoeira deixa de constar no Código Penal Brasileiro como crime e passa a migrar para espaços fechados como as academias. Resulta desse momento de liberação e incentivo de sua prática, mediante a utilização de alvará, o processo cisão dentro da capoeira, apreendida por duas variantes: a Capoeira Angola, e a Capoeira Regional. No que tange as características intrínsecas a cada uma, apresentamos de forma concisa as diferenças básicas, que resultaram desse processo de cisão. Para tanto utilizamos os argumentos de Silva (2003), o mesmo mostra-nos que a mudança que visa modificar as concepções da capoeira Angola de um ensino informal, cheio de malícia, mandinga e improviso, para um modelo metódico, adestrado e objetivo, é fruto de um sistema político adquirido na Era Vargas do Estado Novo.

A política adotada por Getúlio Vargas era a do “toma lá, dá cá”. A capoeira ela é retirada da marginalidade, prevista no Código Penal, no entanto, deve estruturar-se com novos elementos para poder continuar a ser praticada, entre esses elementos a utilização de um alvará. Esses novos elementos provocaram a cisão dessa cultura, cujo principal mentor que a literatura já produzida aponta é Manuel dos Reis Machado conhecido como Mestre Bimba. Nesse sentido Abib nos orienta que:

O surgimento da capoeira regional foi e ainda é considerado por muitos, como um processo de “descaracterização” da “autêntica” capoeira. Entendemos ser essa, uma visão equivocada e um tanto reducionista desse processo, pois, na figura do Mestre Bimba, revela-se um grande estrategista que soube articular um importante movimento que visava a um maior reconhecimento público e valorização dessa manifestação afro-brasileira e sua conseqüente descriminalização, já que até então, a capoeira ainda constava no Código Penal. (ABIB, 2005. p.153).

A revolução que Mestre Bimba traz a essa cultura está atrelada à utilização de elementos como agilidade, golpes eficazes, inserção de golpes marciais, metodologia e seqüências de golpes, utilização de espaços fechados denominados academias, além de

ritmos, gestos, vestimentas e posturas diferentes. Segundo Silva (2003); este estilo criou tanta forma e obteve tantos adeptos que seu processo para a prática livre não tardou, e foi numa oportunidade política, em que Getúlio Vargas fazia um discurso eleitoral na década de 1930, que Mestre Bimba pediu autorização para uma apresentação de seu grupo. Dessa forma parecia ao presidente mais poder; liberando-a, ele teria o apoio daquela massa que participava da luta dança.

Se por um instante a capoeira novamente se veste de uma formalidade, atendendo a uma necessidade imposta a mesma, aqui apreendemo-la como uma estratégia de diálogo, que não se move na direção que uma determinada pessoa deseja, e se o faz é por um breve momento ilusório, como fora caracterizado nas palavras de Capoeira (1992).

O processo de legitimação e visibilidade da capoeira através da figura de mestre Bimba agregava um público diversificado, assim, além de instruir crioulos e afro descendentes, seu público era composto por intelectuais da época, estudantes de medicina, e alguns agentes policiais, muitas vezes, oriundos de uma elite branca, que contribuíram para a aceitação de sua prática em espaços sociais.

Contemporâneo a esse processo de ressignificação, faz-se notar a presença de um outro ícone da capoeira, Vicente Ferreira Pastinha, o Mestre Pastinha. A sua figura representa o guardião de um elo que liga o presente a uma ancestralidade africana. Responsável, assim, pela perpetuação e manutenção de uma cultura afro-brasileira dentro das sociedades.

Fora ele, mestre Pastinha, o responsável em organizar este jogo de corpo a fim de manter suas tradições e a cultura africana dentro dessa modalidade de luta-jogo-dança. Segundo Silva (2003), considerá-lo como organizador não significa que o mesmo tenha sido fundador dessa prática, no entanto, ele fora um grande defensor da capoeira angola e seus princípios Sua concepção a respeito desta, era uma junção de culturas africanas e brasileiras, ou seja, a capoeira para ele era afro-brasileira. Para uma melhor apreensão das características essenciais da capoeira angola, Abib nos mostra que:

Na capoeira angola, persistem traços de uma ancestralidade e de uma ritualidade características do modo africano de relacionar com o tempo, com o espaço, e em última instância – com o mundo –, que a capoeira regional, não conservou, e por isso, foi muito mais influenciada pela racionalidade que o pensamento moderno instituiu, e que se materializou no Brasil, através do projeto modernizante da Era Vargas. (ABIB, 2005, p.152)

Dessa forma, mestre Pastinha diverge das posturas adotadas pela capoeira regional, uma vez que, o mesmo buscava nas origens africanas, na religiosidade, no lúdico e na teatralidade o lado “amoroso” e ético da capoeira. Abib continua mostrando-nos que:

A capoeira angola, ao buscar constantemente os vínculos com essa ancestralidade africana, e também com a ancestralidade que tem como referência os tempos de escravidão no Brasil, e, posteriormente, os tempos remotos da capoeira de rua, das desordens e vadiagens, busca estabelecer o elo entre o seu passado ancestral, o seu presente construído e o seu futuro enquanto possibilidade concreta de afirmação social, cultural e política. (ABIB, 2005, p.188)

Dentro dessas duas vertentes – Angola e Regional – são perceptíveis alguns elementos em comum entre ambas. Somos então levados a percorrer pelo universo dos signos e elementos que compõem o território das rodas de capoeira. Assim, serão abordadas de forma sucinta algumas das características básicas que nos permite aprender – em parte – toda estrutura simbólica que preenche o objeto da nossa pesquisa, as rodas de capoeira.

Signos e significados

A capoeira
 É um jogo, é um brinquedo,
 É se respeitar o medo,
 É dosar bem a coragem
 É uma luta,
 É manha de mandingueiro,
 É o vento no veleiro,
 Um lamento na senzala
 É um berimbau bem tocado,
 É um corpo arrepiado,
 Um sorriso de menininho.⁸

Sendo os signos elementos imprescindíveis na constituição das rodas de capoeira, passamos a enumerar os vários elementos que abarcam as mesmas, onde o primeiro elemento a ser destacado é à *roda de capoeira*, esta se encontra imbuída de significados, que remetem a uma idéia de representação simbólica do mundo, e dentro dessa representação, a idéia de circularidade do tempo. Para muitos africanos, o tempo é apreendido numa perspectiva circular e não no âmbito linear, como as civilizações ocidentais. Sendo assim, compreender o

⁸ Trecho da música: *Uma Vez*, escrita por Mestre Tony Vargas.

tempo numa perspectiva de circularidade permite a esses indivíduos estabelecerem relações entre passado, presente e futuro. Onde são respeitadas as experiências vivenciadas por muitos indivíduos anciãos, que aqui os chamamos de guardiões da cultura, de um determinado grupo, cuja experiência é transmitida de geração em geração.

De acordo com Silva (2003), a roda de capoeira é o círculo onde dois capoeiristas ao ritmo da orquestra de berimbau, atabaques, pandeiro, agogô e reco-reco vão demonstrando o jogo de corpo que busca seduzir o oponente afim de atingi-lo com eficácia. As rodas são também constituídas por outros capoeiristas que contribuem na manutenção do ritmo através das palmas e respondendo aos refrões das músicas e ladainhas entoadas durante o jogo.

Como pilar da pesquisa ora desenvolvida, as rodas de capoeira assumem um limite definidor de territórios. A sua territorialidade é estabelecida mediante a utilização de signos e seus respectivos significados, que desperta no capoeirista um sentimento de pertencimento, afetividade e identidade com os espaços. Nesse contexto Hasbert (2006) aponta que, a dimensão cultural do território prioriza a produção simbólica e subjetiva das ações, onde o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.

Assim, temos uma espécie de território fluído que dialoga com a momentaneidade dos espaços vividos, utilizando formas e linguagens diferentes. No que concerne ao campo de linguagem estabelecido e mediado nas rodas de capoeira através dos signos Santaella afirma que:

Considerando-se que todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente por que é também um fenômeno de comunicação e considerando-se que esses fenômenos só comunicam por que se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer, fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como prática significantes isto é, práticas de produção de linguagens e sentidos. (SANTAELLA, 1995, p. 12)

Nesse contexto, as rodas de capoeira são marcadas pela presença de signos, não apenas cognitivos e estéticos, mas, sobretudo, afetivos, que contribuem para a perpetuação dessa prática social, manifestando no capoeirista sentimentos de pertencimento a um determinado grupo social. Silva (2003) argumenta que, a roda enquanto rito de passagem, traz elementos importantes da cosmologia africana, como certos saberes e segredos guardados

pelo mestre de capoeira⁹, que vão sendo revelados, aos poucos, conforme o iniciante vai encontrando amadurecimento necessário para poder ter acesso a esses conhecimentos. Para que dessa forma, a continuidade de determinadas tradições culturais continuem a exercer poder e fascínio sobre os sujeitos. Onde o sentimento de afetividade conduz a um elo de ligação com uma ancestralidade africana, com as lutas e glórias travadas pelos mesmos ao longo dos anos dentro dos espaços sociais.

Dessa forma o imaginário que povoa a mente de cada membro integrante de toda e qualquer cultura, em especial a capoeira, é responsável pela evocação de sentimentos de pertença e identidade dos espaços e dos grandes ícones desse universo. Nesse sentido Bonnemaison e Cambrèzy apud. Haesbaert aponta-nos que:

Pertencemos a um território, não o possuímos, guardamo-lo, habitamo-lo, impregnamos-nos dele. Além disto, os viventes não são os únicos a ocupar o território, a presença dos mortos marca-o mais do que nunca como signo sagrado. Enfim, o território não diz respeito apenas à função ou ao ter, mas ao ser. (BONNEMAISON E CAMBRÈZY *apud.* HAESBAERT, 2006, p.73)

O próximo elemento essencial, para que a concretização das rodas possa acontecer é o *corpo*, e este passa a ser envolvido por uma atmosfera de sentimentos, que obedecem ao ritmo de cada ladainha cantada na roda. Nesse sentido Silva (2003), aponta que o corpo é o território da cultura, ela se movimenta no corpo e o corpo movimenta cultura. Se antes o corpo era o local onde ficara resguardada toda uma cultura e memória reprimida, oriunda de um povo além mar, e este mesmo corpo tornou-se a única arma que negros escravizados possuíam para se defender, aqui ele é visto como o território de uma cultura, que dialoga e se movimenta nos espaços.

O corpo também assume papel importante para a manutenção de discursos ideológicos, como fora visto durante a Era Vargas, cuja construção de uma nacionalidade e de uma prática que visava militarizar a sociedade e moldar um novo homem implicava na valorização de um corpo robusto e forte, um corpo que na sua autenticidade individual, buscava mostrar o rosto de um povo resistente à dominação sistemática de uma elite social.

⁹ Mestre de capoeira compreende ao nível mais elevado de graduação de uma pessoa do universo da capoeira. Existem várias entidades (Ligas, Federações e Confederações) que tentam organizar a graduação na capoeira. Atualmente a Confederação Brasileira de Capoeira adota o sistema de graduação feito por cordões e seguindo as cores da bandeira brasileira.

Nas rodas de capoeira o corpo é conduzido a acompanhar o ritmo das ladainhas. A *ritualidade* e a *musicalidade* constituem os próximos elementos a serem analisados, estes além de influenciar no compasso da dança dentro das rodas de capoeira, possuem uma função social, que Abib apresenta-nos da seguinte forma:

As músicas e ladainhas presente no universo da capoeira são também elementos importantíssimos no processo de transmissão dos saberes, pois é através delas que se cultuam os antepassados, seus feitos heróicos, seus exemplos de conduta, feitos históricos e lugares importantes para o imaginário dos capoeiras. (ABIB,2005, p. 97)

A ritualidade utilizada nas rodas constitui também uma forma de dialogar com a momentaneidade dos espaços e do tempo. No contexto histórico em que a sua prática fora considerada como marginal e reprimida, as ladainhas e as musicalidades eram utilizadas como estratégia de aviso, cujo diálogo transmitia o alerta quando algum perigo se aproximava, nesse sentido, o perigo representava os mantenedores da ordem, os agentes policiais. Assim, através das músicas entoadas nas rodas podemos apreender o momento em que se inicia o jogo, o momento em que os contendores são desafiados a jogarem em ritmo mais acelerado, momento em que os ânimos estão exaltados e precisam ser acalmados, além claro, de servir como um componente de coesão entre capoeiristas e observadores.

Para que essa musicalidade possa dialogar com os espaços, territorializá-los material e subjetivamente ao se apropriar dos mesmos, faz-se necessário à presença da orquestra da roda de capoeira regida pelo som do berimbau, atabaque, agogô e reco-reco. Entre esses instrumentos, destacamos a importância do *berimbau*, uma vez que, nos dias atuais, ele é sinônimo de capoeira e quando a sua sonorância é percebida, logo se imagina um grupo de capoeiristas jogando. No que concerne a sua presença dentro das rodas, Abib argumenta que:

O berimbau, instrumento utilizado na antiguidade para conversar com os mortos (...) é responsável por estabelecer essa conexão com o sagrado, e com a ancestralidade representada pelo tempo da escravidão, e antes ainda, por tempos longínquos que remetem à Mãe África. (ABIB, 2005. p. 100)

No que tange a origem, criação e inserção desses instrumentos nas rodas de capoeira, não é possível obter muita certeza e exatidão, no entanto, sabe-se qual é a sua utilidade e significado para as mesmas, para os seus contendores e o público espectador que ela se volta.

Uma vez que, estes sujeitos, através dos toques e musicalidades parecem ser envolvidos por uma atmosfera mágica, que conduz toda a movimentação das rodas.

Elementos como vestuários, sistema de graduação, batismo¹⁰ e outros, se diferenciam de acordo com as duas vertentes da capoeira — Angola e Regional. Nesse momento, não cabe aqui, ao menos não é nossa pretensão descrevermos todos os elementos que compõem o universo da capoeiragem, uma vez que, os elementos ora apresentados, são dotados de grande importância dentro das rodas de capoeira, e cuja ausência implica na não concretização e configuração de sua prática.

Esses elementos enquanto signos de linguagens são essenciais para a territorialização dos espaços através das rodas de capoeira. Se ora a capoeira Regional se diferencia da capoeira Angola, e perdera ao longo dos anos um vínculo direto com a ancestralidade africana, não restam dúvidas que as proposições organizadas por Mestre Bimba e Mestre Pastinha, nos ajudaram a distinguir as duas vertentes presentes na capoeira. Cujo valor social e cultural presente em seus ensinamentos acompanham o universo social no qual, cada um encontrava-se inserido e como cada um concebia o mundo.

Independente da forma como cada uma se configura, aqui, ambas possuem o mesmo poder de estabelecer diálogos com os lugares e territorializá-los mediante a utilização dos elementos e signos que a constitui. Ao distinguirmos – em parte – essas duas vertentes, não temos a pretensão de mostrar duas capoeiras distintas, mas uma única, a qual proporciona sentidos e significados diferentes, que se materializam na forma de ritualizar, e praticar a mesma. Uma vez que, as duas vertentes originam-se de uma mesma raiz e de um mesmo contexto histórico.

¹⁰ O Batismo de Capoeira ocorre quando um novo praticante joga pela primeira vez com um Mestre que não seja o seu; este Mestre lhe aplica uma queda, um abraço ou um aperto de mão, reconhecendo, neste momento, o novo praticante como um capoeira.

O diálogo das territorialidades no espaço contemporâneo

Os sustentáculos do capitalismo e o espaço

A capoeira
É um barco pequenino
Solto nas ondas do mar...¹¹

Ao efetuarmos uma análise sobre a territorialidade das rodas de capoeira e sua atual configuração na sociedade, somos condicionados a situá-la dentro de um determinado tempo e espaço. Assim, comprometemos-nos neste capítulo a tecer algumas considerações sobre a manipulação maniqueísta do capitalismo nos espaços e, sobretudo a sua influência na prática da capoeira no contexto atual, transformando-a num produto mercadológico, especulativo e privativo, uma vez que se percebe, em escalas diferentes, uma espécie de fragmentação de seus valores genuínos.

Sob influência do sistema capitalista e os processos dominantes de globalização, a apropriação e territorialização dos espaços que vincula os homens ao meio vêm sendo perdida. Uma vez que, através de fluxos cada vez mais dinâmicos, somos condicionados a refazer nossos laços territoriais e fronteiras constantemente. Este refazer constante de relações entre o homem e o meio variam conforme o uso e a apropriação dos espaços.

O sistema capitalista presente em todas as esferas sociais trouxe consigo uma onda revolucionária de informações, padrões culturais, ideologias e modos diferentes de apropriação do espaço e do tempo. Harvey (2005) concebe esse sistema como algo dinâmico e inevitavelmente expansível; esse sistema cria uma força permanentemente revolucionária, que, incessante e constantemente, reforma mundo em que vivemos.

O espaço, por comportar as relações estabelecidas nas sociedades sofre diretamente a influência desse sistema, uma vez que este – o espaço - acompanha as transformações e os movimentos de cada época. No contexto atual a apropriação do mesmo é caracterizada pelas múltiplas funções, múltiplas ações e múltiplas territorialidades. Onde o ator social desempenha determinadas ações conforme seus ideais e preceitos culturais. No que tange a definição e caracterização dos espaços, Santos (1999), nos orienta que, sendo o espaço geográfico um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, sua

¹¹ Trecho da música: *Uma vez*, escrita por Mestre Tony Vargas.

definição varia com as épocas, isto é, com a natureza dos objetos e a natureza das ações presente em cada momento histórico.

Além desse determinante presente na caracterização dos espaços, outro constituinte para apreendermos os mesmos, diz respeito ao caráter heterogêneo, difuso e efêmero das ações, as quais, este serve como placo. Essas mudanças rápidas, constantes e permanentes estão intimamente atreladas à sociedade moderna, que por sua vez influencia na crise e fragmentação das identidades. Nesse sentido Hall (2003) argumenta que crise de identidades, resulta desse processo amplo de mudanças, que abala as referências que davam aos indivíduos uma coragem estável no mundo atual.

Os indivíduos que ora projetavam suas identidades em territórios e estes serviam como ponto referencial para a afirmação das mesmas, devido o seu caráter de estabilidade e fixação de valores em um determinado espaço, aos poucos sede lugar para o território da fluidez e das múltiplas ações no mesmo espaço. Esse desenraizamento simbólico-territorial deve-se ao constante fluxo e troca de experiências e informações, onde a construção das identidades sofre a influência da cultura contemporânea, caracterizada pelas qualidades fugidas e efêmeras. Influenciando, conseqüentemente, na fragmentação dos sujeitos e no que lhes permitia estabilidade. Assim, novas identidades são criadas, lapidadas e influenciadas ao passo que as relações sociais são estabelecidas entre indivíduos.

Comungamos dos argumentos de Haesbaert (2006) quando o mesmo afirma que essa perda de territórios e identidade, não ocorre de forma linear e acabada. O que presenciamos na atualidade, constitui-se numa espécie de justaposição de territórios, oriunda da presença de múltiplas identidades no mesmo espaço. A transposição da idéia de um território tradicional, marcado pelo fixo, para a idéia de um território contemporâneo, marcado pela mobilidade das relações que se engrenam nos espaços, não significa uma forma de perda de territórios, mas uma nova forma de reterritorialização. Permitindo, conseqüentemente, uma convivência concomitante de diversos territórios, que o mesmo caracteriza como múltiplas territorialidades.

Além dessa desterritorialização presente nas relações atuais da sociedade, somos levados a pressupor que o território em sua dimensão material mais objetiva encontra-se em detrimento, e o que se vislumbra e toma corpo nas relações atuais entre os sujeitos, é a importância crescente da apropriação dos espaços, através do seu caráter simbólico. Nesse sentido Haesbaert (2006) afirma-nos que, cada grupo social, classe ou instituição pode

“territorializar-se” através de processos de caráter mais profissional (econômico-político), ou mais simbólico (político-cultural) na relação que desenvolvem com os “seus” espaços.

No que se refere à apropriação de espaços em um determinado tempo, Harvey (1994) nos orienta que a noção que há tempo e lugar para tudo é absorvida num conjunto de preposições que replicam a ordem social, ao atribuir sentidos sociais aos espaços e tempo. O que resulta na criação de conflitos interculturais, uma vez que, grupos diferentes produziram sentimentos diferentes ao uso do espaço e do tempo.

Dessa forma, pode-se concluir que, os territórios atuais assumem uma característica instável e periódica, onde a apropriação dos espaços é condicionada e influenciada pelos atores que se apropriam dos mesmos. Assim os territórios podem ser distinguidos de acordo com seus criadores, cuja relação amorosa com os espaços, produz identidades, onde estes – territórios - assumem valor simbólico de segurança e abrigo em escalas diferentes de tempo e espaço, uma vez que nossas territorializações e relações de poder com os espaços se estendem desde ao sentido mais concreto ao mais simbólico.

O diálogo entre a cultura e os espaços

Cada sujeito exerce uma ação própria na vida social, assim o cotidiano é composto pelas diversas pessoas e instituições, que através da cooperação e do conflito constroem um mundo compartilhado, onde a experiência comunicacional cria e alimenta laços sociais de sociabilidade entre estes indivíduos, onde as várias territorialidades coexistem e dialogam no mesmo espaço. Sendo estas – territorialidades- resultantes da complexidade, heterogeneidade e coexistência harmoniosa ou não de diferentes culturas na sociedade contemporânea.

Sobre o conjunto de ações e atores que compõe os espaços, Santos (1999) nos orienta que o espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função as forças de cada qual. Onde essas disputas estão intimamente atreladas ao desejo de conquistar visibilidade e espaços de atuação dentro da sociedade.

Dessa forma, os atores sociais vivenciam uma intensidade de inter-relações num mesmo espaço, cada um projeta sua identidade nos espaços, e territorializa-os. No contexto atual a territorialização permanece desenraizada, fluida e circular. Os espaços são disputados e abarcam de acordo com a circularidade do tempo e das ações a presença de vários

territórios. Essa qualidade oriunda das relações sociais, suas ações e apropriações no espaço chamamos de territorialidade.

A cidade é o lócus onde a lógica da produção capitalista e da racionalidade se faz transparecer no cenário urbano, os espaços são compartilhado pelo espaço da fábrica, da usina, da escola etc. Ela é organizada através das funções e dos papéis econômicos realizados pelos sujeitos¹². É lócus onde se concentra uma infinidade de encontros, graças ao movimento potencializado pelas trocas comerciais e culturais. Chardin apud. Santos (1999) argumenta que essa mobilidade de encontros está atrelada a “pressão humana”, resultado da acumulação crescente dos homens em espaços limitados, como fator de mudança qualitativa e rápida das relações sociais do mundo contemporâneo.

O espaço além de ser utilizado para desempenhar funções e atividades diárias, visando atender a lógica das relações capitalistas, também é palco das trocas simbólicas que se multiplicam, se diversificam, e se renovam. Nesse contexto, a cultura enquanto forma de comunicação entre os indivíduos, além de ser composta por uma herança social, é resultado do reaprendizado das relações existentes entre o homem e meio.

Faz-se necessário alertar que no presente trabalho, a cultura a qual levamos em conta está respaldada de valores tradicionais e populares, nutridos pelos homens. Diferenciando-se, portanto, da cultura de massa resultante da uniformização dos gostos e ações.

Para uma melhor compreensão da cultura a qual nos propomos a analisar, Santos argumenta que:

A cultura popular tem raízes na terra em que se vive, simboliza o homem e seu entorno, encarna a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e de ali obter a continuidade, através de mudança. Seu quadro e seu limite são as relações profundas que se estabelecem entre o homem e seu meio, mas seu alcance é o mundo. (SANTOS, 1999, p.327)

Embora a cultura não permaneça estática, acompanhando assim, o movimento da sociedade, a memória coletiva é vista como característica essencial para continuidade da mesma, uma vez que a cultura projeta seus ideais futuros presos às raízes que deram base a

¹² O que implica numa demanda constante pelo desejo de apropriação e privatização dos espaços, principalmente dos espaços públicos.

sua origem e lhes permitem um porto seguro frente ao fluxo constante de fragmentação dos sujeitos, ocasionadas pela globalização.

No que se refere à memória coletiva e sua importância para as culturas Abib aponta que:

Os sujeitos que pertencem ao universo do samba, da capoeira e da cultura popular, de forma geral tendem a ter essa qualidade de desenvolver a memória de maneira singular, pois, por não disporem de formas de registro escrito de suas tradições, elas se mantêm basicamente da capacidade de armazenar na memória toda essa bagagem cultural transmitida de geração em geração. (ABIB, 2005. p. 75)

Assim, a memória coletiva é o cimento indispensável à sobrevivência coesão e permanência de uma cultura em tempos modernos. Uma vez que, a globalização acentua qualidades do efêmero, da vertigem, e da frequência dos deslocamentos, influenciando diretamente na concepção de mundo e de cultura de cada um.

Embora a produção de identidade encontre-se intimamente relacionada ao pertencimento a uma determinada cultura e esta tenha como palco de atuação o espaço, marcado pelas contradições sociais, cujas identidades se ressignificam e se renovam - através da memória que olha para o passado e é constantemente influenciada pelo presente e as perspectivas futuras - o que se tem notado no contexto atual, é o desejo dos sujeitos retomarem a sua autonomia sobre o seu próprio destino, negando assim, as bases de um projeto colonialista de imposição e homogeneização.

O que a sociedade presencia é uma busca pela revalorização da cultura popular em detrimento de uma cultura de massa e homogênea que a globalização almeja implantar — embora, em certos espaços essa cultura de massa já se encontre enraizada. No que tange a busca pela valorização da cultura popular no contexto atual, Abib aponta que:

Tal fenômeno que aqui denominamos de “reconstrução de raízes” é uma inquietante novidade no cenário das sociedades globalizadas, que já alguns anos assistem a um processo de revitalização das manifestações das culturas tradicionais e todo o mundo deixando perplexos aqueles que já alardeavam a configuração de uma cultura única, globalizada, moderna, homogênea e padronizada como efeitos inevitáveis do processo de globalização. (ABIB, 2005, p. 62)

Assim, as culturas ditas subordinadas, devido ao processo de formação da sociedade colonialista brasileira - que implantara diferenças entre uma cultura dominante e uma cultura

subjugada aos seus ideais - tem se levantado, fazendo ouvir sua voz, que fora silenciada ao longo dos anos. Dotando as – culturas subordinadas - de importância e densidade, pois são compostas de elementos como a riqueza, a legitimidade e criatividade, presente no âmbito de suas tradições.

Dessa forma, os diálogos travados dentro da sociedade, oriundos dessas vozes que se levantam e se rebelam, buscam através de reivindicações, protestos, políticas públicas e leis, mecanismos que possibilitem validar a sua visibilidade, atuação e permanência dentro da sociedade. No entanto, é oportuno ressaltar que, a criação de um “amontoado” de leis não basta, é necessário que as mesmas se façam cumprir, e que os grupos culturais estejam engajados e comungando dos mesmos ideais para poderem lutar e fazer valer seus direitos, na construção e afirmação de suas identidades nos espaços.

Uma crítica ao capitalismo maniqueísta

O espaço é o local onde as contradições dialogam, onde as territorialidades se fazem presente. É nele que sociedade apreende e exerce relações de poder. Esse palco de atuação das ações sociais ao ser apropriado pela mercadificação do capitalismo tende a ser influenciado pelo mesmo. Atualmente é inegável que a cultura por estar presente nos espaços, também se transforma numa espécie de gênero de mercadoria, uma forma de angariar lucros econômicos e produzir a acumulação de rendas.

Nesse contexto, a prática da capoeira, não se isenta dessa apropriação mercadológica, oriunda das ações maniqueístas do capitalismo. Aqui não buscamos generalizar nossa concepção à cerca dessa apropriação, no entanto, é perceptível uma espécie de “regularização” e homogeneização dessa cultura, influenciando conseqüentemente no rompimento dos ideais de ancestralidade.

Embora muitos grupos não percebam que a prática da capoeira, possa se transformar numa forma de obtenção de recursos econômicos e sobrevivência é perceptível a inserção dessa manifestação cultural na economia de mercado, onde muitos grupos acabam se tornando vítimas dos “sustentáculos” do capitalismo e acabam sendo utilizados pela indústria cultural. Nesse contexto Abib (2005) nos alerta que essa indústria se apropria indiscriminadamente dos conteúdos dessas manifestações, sem que isso signifique qualquer retorno financeiro à mesma.

Não obstante algumas manifestações culturais popular ao emergir na sociedade, são submetidas ao jogo de ideal das classes dominantes, que passa a “consumi-las”. Assim a cultura que emerge do povo, de seus ideais, sentimentos e sofrimentos, lutas e expectativas, ao serem subordinadas pela ótica capitalista torna-se estranha a sua origem, ao “solo” em que se desenvolvera.

É justamente, a partir dessa apropriação e mercadificação que se inicia o processo de cisão na cultura, que ora possuía significado de pertencimento, e que após ser transformada em uma espécie de mercadoria perde sua essência, pois a mesma passa a ter outro significado agora mercantil, homogeneizado e muitas vezes vazio.

As trocas e lucros comerciais que existem na capoeira são muitas vezes oriundos da relação professor-aluno. No que tange ao professor ou mestre, este muitas vezes não se encontra apto para ensinar e transmitir os fundamentos da mesma, utilizando-a de forma indiscriminada e como fonte de obter rendas. O aluno, por sua vez, apreende a mesma como um simples esporte que possibilita o desenvolvimento de habilidades corporais e técnicas de defesa. Assim, tanto o professor, quanto o aluno geralmente almejam um único objetivo, alcançar os possíveis lucros que esta prática pode oferecer.

No que se refere ao professor e/ou mestre de capoeira, a renda galgada pela prática da capoeira, é oriunda dos ensinamentos relacionados à seqüência de golpes, o preço dos uniformes e vestuários, a comercialização das cordas, utilizadas na troca de graduações e outros. O lucro oriundo dessa comercialização resulta numa acumulação mais concreta de capital, no entanto, o aluno, nosso segundo alvo de análise, também lucra nesse processo, uma vez que habilidades como a agilidade, mandinga, destreza e equilíbrio corporal são desenvolvidas no processo de ensino-aprendizagem.

A apropriação de determinados professores sob essa prática, leva-nos a compreendê-la como uma atividade de renda monopolista. Segundo Harvey (2005) a renda monopolista surge porque os atores sociais podem aumentar seu fluxo de renda por muito tempo, em virtude do controle exclusivo sobre algum item, direto ou indiretamente, comercializável, que é, em alguns aspectos, crucial, único e irreplicável.

A renda monopolista está atrelada a idéia de singularidade dos espaços e das ações – assim elaboramos uma indagação. Ao transferir essa idéia de renda monopolista para a prática da capoeira, devemos levar em consideração que o sistema capitalista tende a homogeneizá-la, regularizá-la e institucionalizá-la. Dessa forma, o ideal de singularidade presente nessa

apropriação mercadológica de cultura acaba fugindo do nosso alcance. Como então argumentar a favor dessa concepção, atrelando a mesma na prática da capoeira?

Segue-se, debruçando-se sobre os estudos de Harvey (2005), e o mesmo nos orienta que a incessante busca por rendas monopolistas impõe a procura de critérios como a espacialidade, a singularidade, a originalidade e a autenticidade. Se não podemos encontrar a singularidade nas formas como a prática da capoeira se materializa nos espaços, encontramos na seguinte afirmativa, toda cultura é singular, pois envolve um legado de tradições e princípios únicos e exclusivos à mesma.

A institucionalização e privatização da sua prática envolvem apropriações capitalista em diversos âmbitos, como fora analisada a relação que se estabelece entre o professor, o aluno e a mercantilização da prática da mesma. Porém surge outro “vilão” cujo objetivo, não se distancia do desejo de obter lucros, o Conselho Nacional de Educação Física e Conselhos Regionais de Educação Física — CONFEF/CREF.

No que tange a esse conselho, a revista Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física, traz alguns esclarecimentos à cerca desse órgão. Nas suas primeiras páginas argumenta que, no ano de 2008, o sistema CONFEF/CREF completa 10 anos de existência e de ofensiva contra os trabalhadores, se colocando ao lado da burguesia, através de um discurso raso, corporativista e de interesses de poucos.

O CONFEF/CREF, conselho criado para regulamentar os profissionais graduandos em Educação Física, resulta das ações do Estado capitalista, cujo principal objetivo é designação desse profissional para atuar em todas as práticas corporais, incluindo a capoeira. Aqui tecemos algumas considerações superficiais sobre a prática e os ideais desse conselho, no que tange a área de estudo, a capoeira. Uma vez que essa discussão se insere no contexto de privatização da prática e conduta da mesma.

Essa regulamentação impõe que, apenas os profissionais habilitados em Educação Física terão o direito e a credibilidade de ensinar capoeira. Isso, nada mais significa que, essa prática só poderá se concretizar se o profissional possuir a carteira de associado do CONFEF. E para possuí-la, este terá que angariar títulos concernentes ao nível superior ou técnico. Em linhas gerais, o desenvolvimento de um patrimônio e bem social – a capoeira – passa a ser propriedade privada da Educação Física.

Muitos profissionais dessa área lutam contra a forma como esse conselho vem atuando na sociedade. No que diz respeito ao universo da capoeira, argumentamos que o mestre de

capoeira nesse sentido não possui valor frente os ideais do CONFEF, pois os ensinamentos transmitidos e aprendidos ao longo das gerações e o legado cultural que a capoeira possui tornaram-se algo vazio e sem utilidade, após a apropriação capitalista e ordenamento jurídico do CONFEF/ CREF. Segundo Taffarel a ação inibidora do Sistema CREF/CONFEF está contribuindo para atacar a cultura e destruí-la, tornando a ação de construção da cultura um monopólio exclusivo de professores de Educação Física.

Além do perigo atrelado a atuação do CREF/CONFEF, alertamos mais uma vez, algo que já fora discutidos em capítulo anterior, nossos órgãos educacionais ainda não se encontram engajados e habilitados para desenvolver projetos e instituir em currículos educacionais a importância dos saberes populares para o desenvolvimento e construção de uma sociedade mais justa. Uma vez que, na prática considera como conhecimento verdadeiro, e importante a ser transmitido, o conhecimento científico, que em sua maioria acabam sendo influenciados por uma classe hegemônica, negando assim os conhecimentos oriundos das tradições populares.

Dessa forma, os sustentáculos do capitalismo liquidam os ideais da cultura popular, emergindo no seu lugar uma espécie de mercadoria cultural, cada vez menos original, mas que serve para render lucros econômicos e audiência. Esse sistema tende a implantar dessa forma aspectos “midiáticos” e econômicos que antes não eram considerados na tradicional noção de cultura popular. Logo, é preciso estar atento para essa apropriação maniqueísta do capitalismo sobre a cultura cuja conseqüência será um ciclo vicioso e sugador de algo que emergiu do povo, e após ser apropriado e mercadificado pelas classes dominantes, tornam-se fonte de lucros, que distanciará cada vez mais as relações entre os indivíduos de uma classe subordinada e de uma classe dominadora.

O território e as territorialidades das rodas de capoeira em Jacobina

Visibilidade e ocultação

A cidade de Jacobina situada na região noroeste da Bahia, ao extremo norte da Chapada Diamantina, guarda em suas rugosidades a presença de um passado histórico que foi fortemente influenciado pelos resquícios do processo de colonização. Grande parte da sua infra-estrutura apresenta espaços destinados à prática comercial das relações sociais, no entanto, esses mesmos espaços ganham contornos diferentes de acordo com a hora do dia, o dia da semana ou a época do ano, como nos mostra Carlos (1994). Assim as paisagens que se configuram no espaço irão mostrar um determinado momento do cotidiano da vida das pessoas.

A cidade é o *lócus* onde os sujeitos dialogam com os espaços, constroem sua rotina, ora ganham visibilidade através de conflitos e trocas de experiências, ora seus desejos íntimos são ocultados, uma vez que esses sujeitos são influenciados pelas contradições e oposições do sistema capitalista.

O estudo se desenvolve levando em consideração o universo de atores sociais que compõe a capoeira, os anseios e as dificuldades presente em cada grupo e a influência do capitalismo sobre a sua prática. Assim, estão inclusos os mestres de capoeira, os professores, os alunos, as instituições públicas, privadas e religiosas, e as políticas ligadas à cultura de Jacobina em parceria com o Governo Federal.

Sobre esse emaranhado de relações que configuram a prática da mesma, Engeles, *apud*. Taffarel (2004) argumenta que, ao nos determos a pensar sobre a natureza, ou sobre a história humana, ou sobre nossa própria atividade espiritual, deparamo-nos, em primeiro plano, com a imagem, de uma troca infinita de concatenações e influências recíprocas, onde tudo se move e se transforma, nasce e morre.

Através da utilização de narrativas, esse quarto momento desenvolvido, tem como finalidade apresentar o mapeamento dos principais grupos de capoeira de Jacobina, e o jogo de diálogo estabelecido entre estes e a sociedade. Dessa forma, busca-se através da coleta de dados no campo, não apenas comprovar ou refutar o que fora discutido ao longo do trabalho, mas, sobretudo expor os desejos, anseios e dificuldades presentes em cada grupo, não

deixando de levar em consideração, a atuação de políticas públicas e leis voltadas para o apoio e incentivo das manifestações culturais presente na nossa sociedade. Uma vez que, encontram-se na Constituição da República Federativa do Brasil de 1889 os seguintes artigos:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso as fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§1º. O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

Além de estar prevista em nossa Constituição Federal, sob a forma de leis a serem cumpridas, a Lei Orgânica do Município de Jacobina, criada em 1990 e revisada até a Emenda nº56, em novembro de 2008, também dispõe de leis que respaldam o apoio a cultura, assim está previsto no Capítulo VI, no que tange a Cultura, Desporto, Lazer e Turismo os seguintes artigos:

Art. 243 – O Município garantirá o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso à cultura a todos, incentivando e apoiando as atividades de formação e difusão das manifestações culturais incluindo necessariamente as da cultura popular.

Art. 250 – Serão assegurados os meios estruturais para que o Município possa defender e garantir a preservação das tradições, da cultura, do civismo e do desenvolvimento dos ideais que formam a nacionalidade brasileira.

Embora a cultura esteja respaldada com o apoio de leis, infelizmente, ainda é perceptível o distanciamento entre teoria e prática. Os grupos de capoeira do Município de Jacobina em sua maioria alegam a falta de incentivo, o apoio financeiro, o apoio para execução de projetos encaminhados ao poder público e o reconhecimento da importância dessa manifestação cultural.

No entanto, estamos trabalhando com a dialética, com os vários diálogos estabelecidos nos espaços. Assim, as lideranças municipais, por sua vez argumentam que os grupos de capoeira não cobram das lideranças políticas, não enviam projetos, somente procura-os quando há algum evento, cuja realização remete a necessidade de deslocamento de pessoas oriundas de outros grupos e localidades.

O Município de Jacobina atualmente possui cinco grupos de capoeira, ou que ao menos se destacam no mesmo. Aqui, apresentamos os anseios desses grupos, as dificuldades, e os trabalhos que estes desenvolvem com as crianças, jovens e adultos. Dessa forma será trabalhado individualmente o surgimento e o histórico dos grupos de capoeira, visando identificar nesse primeiro momento a marginalização dessa prática e a discriminação existente na sociedade jacobinense, cuja marca nos dias atuais, resulta do processo conservador da formação sócio-espacial brasileira.

As próximas discussões giram entorno da ressignificação e da descaracterização da prática da capoeira nos dias atuais, onde a mesma é influenciada pela apropriação mercadológica do capitalismo. Por último se discutirá o campo da resistência que a mesma comporta, uma vez que essa característica é responsável tanto pelo início e origem da prática da capoeira, como também pela perpetuação da mesma ao longo dos anos.

A prática da capoeira em Jacobina

No que tange ao início da prática da capoeira em Jacobina, não fora encontrado registros sobre o exato momento do seu surgimento. Porém, a sua ocorrência dentro de uma academia, sucedeu-se na década de 1980 e teve como idealizador o Mestre Lourival oriundo do Estado de São Paulo, e que atualmente reside em outra cidade. O mesmo teve como apoio o Padre José, da Paróquia São José do Operário em Jacobina. Essa afirmação é oriunda da memória coletiva dos praticantes e mestres de capoeira que em entrevistas realizadas, concederam tais informações. Apesar do conhecimento científico e da sociedade - às vezes - não aceitá-las como "verdade histórica", elas nos dão importantes informações sobre o imaginário, os mitos e as lendas que rodeiam a sua prática, e que "habitam" a cabeça de muitos capoeiristas.

O primeiro grupo que passamos a evidenciar nesse momento é a *Associação do Grupo de Capoeira Raízes Baiana*, cuja sede, encontra-se situada no Bairro Jacobina III. O processo de formação do grupo se iniciou no ano de 1991, o grupo teve como idealizador Odilézio José dos Santos¹³. O mesmo é conhecido e batizado na roda de capoeira¹⁴ como Mestre Dinho. De

¹³ Conhecido na roda como Mestre Dinho. Responsável pela *Associação do Grupo de Capoeira Raízes Baiana*.

¹⁴ A troca dos nomes nas rodas de capoeira está presente desde o período da marginalização da sua prática, assim os capoeiristas para não serem encontrados pelos policiais com facilidade, utilizavam nomes diferentes.

acordo com o mesmo, no momento quando o grupo foi fundado, ele ainda estava graduado na condição de Instrutor de Capoeira. Seus alunos constituíam-se em ex-alunos do Mestre Catureba, cujo grupo chamava-se Sertão Dourado. No momento que o Mestre Catureba se afasta do grupo, e deixa sob a responsabilidade do Mestre Dinho, a continuidade do seu trabalho. Ao assumir o trabalho já desenvolvido anteriormente, ele batiza o grupo com o nome de Associação do Grupo de Capoeira Raízes Baiana.

Segundo Mestre Dinho, quando ele começou a praticar capoeira na década de 1985, através do Mestre Catureba, existia ainda muito preconceito na sociedade jacobinense, assim ele nos diz que:

Na época a discriminação ainda era bem mais que hoje e a sociedade como até hoje, o apoio da sociedade é muito pouco ainda. A capoeira oferece muito para a sociedade, mas infelizmente a sociedade ainda oferece muito pouco para capoeira [...] Hoje ainda sofre um certo preconceito, e hoje ainda somos escravos do sistema.¹⁵

A Associação do Grupo de Capoeira Raízes Baiana é composta por aproximadamente 500 participantes, estes se distribuem por grupos formados em São Paulo, no Recôncavo, Mirangaba, Caatinga do Moura e Saúde, além de Jacobina.

O grupo atualmente desenvolve trabalho local nas periferias de Jacobina, com crianças carentes, que não dispõem de uma renda financeira para pagar suas mensalidades. Mestre Dinho argumenta que:

Eu tenho um professor do grupo que ele tá com um trabalho na Jacobina IV, então a gente resgata aquela menina que tá fora da escola e traz para capoeira e conscientiza ele para ir para escola [...] A Associação Raízes Baiana nesse método ajuda o próximo não só fazer capoeira.

O próximo grupo a ser evidenciado é o *Grupo Internacional de Capoeira Jacobina Arte*, tem como mestre e idealizador do grupo o Mestre Pitbull, que reside atualmente na Grécia. O grupo já existia em Jacobina, porém com nome diferente. A fundação do grupo enquanto Jacobina Arte na cidade em questão, foi no ano de 2001.

Para um dos seus integrantes, no momento em que eles começam a praticar capoeira a partir da década de 1986, por intermédio do Mestre Aranha, oriundo de Salvador, existia na

¹⁵ Mestre Dinho. Responsável pela Associação do Grupo de Capoeira Raízes Baiana.

época muito preconceito frente à sociedade, no entanto, eles não se importavam, apenas desejavam aprender a prática da capoeira e a seqüência de golpes.

O grupo não possui teoricamente uma sede, e se espalha por vários países, várias regiões brasileiras e por localidades vizinhas à Jacobina, compreendendo aproximadamente um total de 3.000 membros.

Segundo Gersciclei Vieira dos Santos¹⁶, graduado e conhecido na roda de capoeira como Professor Drakula, o processo de formação do grupo e sua rede não sofreram influências de outros grupos, o mesmo comenta que, cada grupo tem sua metodologia de trabalho, então eles trabalham em virtude do grupo Jacobina Arte, os outros grupos da mesma forma, cada grupo trabalha de acordo com o seguimento de seu mestre.

O grupo localizado em Jacobina desenvolve seu trabalho no bairro da Serrinha, no espaço da Fundação Educativa Popular Padre Alfredo Haasler e José Assis dos Santos Reis - FEPAJA. Compreende um público de 40 participantes que contribuem com uma quantia singular para a participação das aulas, onde alunos mais carentes são contemplados com bolsas para poder praticar a capoeira.

O terceiro grupo compreende a *Associação de Capoeira Os Regionais do Tempo - ACRT*, fundada em 1994, tendo como idealizador Marilton Brito¹⁷, batizado na roda como Mestre Salomé. A sede do grupo encontra-se localizada na cidade de Feira de Santana – BA. Porém, com ramificações em Salvador, São Paulo e Jacobina, compreendendo aproximadamente um público de 400 alunos.

Há dois anos o grupo desenvolve trabalho em Jacobina, tendo como finalidade principal criar cidadãos e não apenas lutadores. O espaço utilizado pelo grupo encontra-se localizado no bairro Mundo Novo.

A ACRT, em Jacobina possui um público aproximado de 80 alunos e desenvolve trabalhos filantrópicos com jovens dos bairros da Caeira, Vila Feliz e Caixa d'Água. Aqui damos um enfoque especial à antiga professora do grupo de alunos do bairro Caeira, que desenvolvia aulas na *Casa de Convivência da Criança Construindo o Amanhã*.

Em entrevista concedida, Cristina da Cruz¹⁸, conhecida e batizada como Professora Baiana nos diz que ela fora a primeira mulher a praticar capoeira em Jacobina. Naquela época,

¹⁶ Conhecido na roda como Professor Drakula. *Grupo Internacional de Capoeira Jacobina*.

¹⁷ Conhecido na roda como Mestre Salomé. *Associação de Capoeira Os Regionais do Tempo*.

¹⁸ Conhecida na roda como Professora Baiana. *Associação de Capoeira Os Regionais do Tempo*.

segundo a mesma, existia muita discriminação, principalmente por ela ser uma mulher. Assim, muitas pessoas ficaram admiradas pela sua presença dentro de uma roda de capoeira.

A Professora Baiana teve como professor o Mestre Lourival, ela nos conta que ele foi o responsável por ensinar os seus primeiros passos de capoeira dentro de uma academia. Nos seus relatos ela deixa claro quão grande é a sua admiração pelo mesmo e que ela não quer deixar de pronunciar nunca a importância dele para a sua vida.

A Professora Baiana encontra-se atualmente em Brasília, partiu recentemente de Jacobina, mas o trabalho com as crianças que a mesma desenvolvia no *Centro Construindo o Amanhã* continua a ser desenvolvido através do grupo ACRT.

O próximo trabalho a ser evidenciado é desenvolvido pelo *Grupo Internacional de Capoeira Kuilombo dos Palmares*, fundado por Mestre Gival no ano de 1985. A sua sede encontra-se localizada na cidade de Serrinha-Ba. O grupo possui outras filiais na Itália, na Espanha, em Israel e em Jacobina, a sua atuação no território jacobinense iniciou-se há um ano, e compreende um público de aproximadamente 50 alunos.

Tem como idealizador do grupo na cidade de Jacobina o Professor Anteogenes de Oliveira¹⁹, conhecido como Mestrando Téi. O trabalho desenvolvido pelo grupo é um trabalho social, com crianças de bairros periféricos. O mesmo afirma que o grupo pelo qual ele é responsável, trabalha com crianças carentes de bairros periféricos. Onde os uniformes que as mesmas recebem são doados pelo grupo de acordo com as condições financeiras e os momentos.

O grupo desenvolve seu trabalho em conjunto com a Igreja Católica, a Igreja Batista, e com outras associações do grupo, porém, segundo o Mestrando Téi, em Jacobina, ainda não há um apoio frente a estas instituições religiosas. Embora seja perceptível uma maior aceitação dessa prática frente às instituições católicas, a sua inserção ainda ocorre de forma tímida e pontual, uma vez que, idéias estereotipadas ainda permeiam o imaginário de pessoas sobre a prática da mesma. A não aceitação dessa cultura e o julgamento equivocado da mesma resultam de um sistema hegemônico e segregador, que junto a instituições religiosas detinham mecanismos de controle da sociedade, ora materiais, ora ideológicos que subjugavam toda manifestação cultural que não fosse de origem européia.

¹⁹ Conhecido na roda de capoeira como Mestrando Téi. *Grupo Internacional de Capoeira Kuilombo dos Palmares*

O quinto trabalho a ser evidenciado compreende o *Grupo de Capoeira Pastoral Afro Quilombo Erê*, criado em 2006, tendo como idealizador Jean César Moreira da Silva²⁰, batizado como Contra mestre Jack Chan. A equipe possui afiliadas vizinhas a Jacobina e abarca um público aproximado de 200 pessoas.

O espaço utilizado pelo grupo localiza-se no Bairro da Bananeira, cujo trabalho é desenvolvido em conjunto com a Pastoral Afro Quilombo Erê, de Jacobina, tendo como principal objetivo resgatar os jovens das drogas, educá-los e incluí-los em projetos dentro da sociedade.

Ressignificação ou descaracterização?

O universo que compreende a capoeira é amplo, logo, sua totalidade não pode ser apreendida, mensurada e explicada num simples observar de sua prática. Os vários contextos históricos da nossa sociedade influenciaram e receberam influência da prática da capoeira. Os três grandes momentos da capoeira²¹, discutidos por muitos autores sofreram a inserção de novos elementos, elementos estes, que dialogavam com a momentaneidade das ações em um determinado espaço.

Agora a capoeira desponta para um novo período, o período do seu reconhecimento. O dia 15 de Julho de 2008 marca o início do reconhecimento da capoeira enquanto Patrimônio Cultural Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional –Iphan.

A capoeira após conquistar inúmeros adeptos e ser prestigiada internacionalmente, tornou-se um dos patrimônios culturais brasileiro. O seu reconhecimento é fruto de lutas e resistências galgadas por nossos descendentes africanos e os vários mestres de capoeira, que resistiram e fizeram sua prática resplandecer em inúmeros países.

Esses quatro momentos são essenciais a sua prática, e fizeram da capoeira uma cultura riquíssima em sua origem e significado social. As cisões que houve entre a Capoeira Angola e a Capoeira Regional foram constituídas com a inserção de novos elementos. Essa inserção de signos e aperfeiçoamento dos mesmos, ao longo dos anos para a maioria dos entrevistados

²⁰ Conhecido na roda de capoeira como Jack Chan. *Grupo de Capoeira Pastoral Afro Quilombo Erê*.

²¹ Os três grandes momentos da prática da capoeira estão atrelados aos períodos da Escravidão, Marginalidade e Academias.

não constitui em si uma descaracterização da prática da capoeira, mas sim algo ligado ao seu processo de evolução em conjunto com a sociedade.

Se a inserção da prática da capoeira nos jogos olímpicos trouxe indagações sobre a sua descaracterização, o contato com o campo permitiu perceber que em sua maioria, os capoeiristas jacobinenses, a veem como mais uma forma de reconhecimento do seu legado cultural. Porém algumas opiniões oriundas das entrevistas realizadas mostram-nos duas concepções que se diferenciam em partes:

Seria bom [...] Bimba mesmo quando ele criou a Luta Regional Baiana, ele pediu que só evoluísse, que só crescesse, que não parasse onde ele deixou [...] Cada arte tem sua evolução [...] a capoeira em si tem seu ritual, segue seu ritual, então quando você tem fundamento, você faz a capoeira com fundamento, você não deixa perder seus princípios.²²

Seria legal, em termo de luta, perderia a sua essência, assim de folclore, aquela coisa do povão, de rua. Mas eu acredito que ela ainda está muito longe de acontecer, porque a capoeira é um esporte aberto agrega várias lutas e várias variações dentro dela.²³

Assim, é perceptível que, embora os capoeiristas entrevistados percebam sua importância na inserção das olimpíadas, alguns cuidados devem ser tomados durante a elaboração de regras e julgamentos da sua prática enquanto modalidade esportiva. Outro ponto a ser levado em consideração está atrelado à sua uniformização, uma vez que a capoeira possui inúmeras variações e cada grupo adota uma filosofia a ser seguida, constituindo-se, dessa forma, um grande obstáculo a ser enfrentado, para que a mesma possa ser inserida dentro dos jogos olímpicos.

No que tange a regulamentação da mesma em espaço definido e tempo delimitado, esta encontra-se atrelada ao desejo do Estado se fazer presente, influenciando em normatizações e controlando ações nos espaços. Dessa forma, esse poder dominador visa regulamentar as práticas sociais ora para perpetuar seus ideais, ora para obter possíveis lucros oriundos das mesmas, uma vez que as atividades olímpicas possibilitam movimentar uma indústria do consumo que contempla a comercialização e apropriação dos espaços, objetos e ações.

²² Mestrando Têi ; *Grupo Internacional de Capoeira KUILOMBO dos PALMARES*.

²³ Mestre Salomé; *Associação de Capoeira Os Regionais do Tempo*.

A capoeira e as artimanhas capitalistas

No que tange a apropriação da capoeira através das práticas mercadológicas capitalistas, as contradições se estabelecem mais uma vez dentro das relações sociais jacobinense, ora conseguimos apreender argumentos que:

Quando a gente pensa isso, sempre pensa mais assim, Salvador. Que a gente vê que o pessoal usa [...] tem esse movimento que é bonito, bom para turista vê, tirar foto [...] Mas aqui em Jacobina nem isso não tem, essa forma de vender turismo associado à capoeira²⁴.

Algumas considerações também são tecidas no que diz respeito à apropriação do capitalismo frente a essa cultura:

A gente ta inserido no sistema capitalista, tudo é, tudo é cooptado por esses sistema, porque visa o que, o comércio, visa o que, o lucro, e a capoeira ela é muito utilizada nas academias não como uma manifestação cultural, mas como uma forma deles trabalharem o corpo²⁵.

Embora estejamos inseridos dentro do sistema capitalista, e este detenha o poder de influenciar tudo o que está a sua volta, a prática da capoeira em território jacobinense não está atrelada a uma comercialização visível de seus ensinamentos. Uma vez que estes grupos desenvolvem em sua maioria trabalhos voluntários, os quais foram possíveis constatar no contato mais próximo com a área de estudo.

No que concerne a apropriação dessa prática pela indústria cultural, que tende a vender a imagem da capoeira como espetáculo para o exterior, sem preocupar-se em transmitir o legado histórico e os princípios ancestrais que a mesma comporta, foi possível perceber que parte dos capoeiristas discorda dessa forma de apropriação. Segundo os mesmos, os alunos de outros países também se interessam pelo legado histórico da mesma, quiçá, até mais que os próprios brasileiros.

²⁴ Coordenadora de Desenvolvimento de Educação Básica na Diretoria Regional de Educação – DIREC-16 e capoeirista.

²⁵ Coordenadora Geral da Diretoria Regional de Educação – DIREC-16.

O não reconhecimento da importância dessa prática e o seu legado histórico em território brasileiro originam-se de um processo de aculturação condicionado por um sistema opressor e conservador, cujo resquício ainda permeia os dias atuais influenciando em novas formas de marginalização dessa cultura.

No que tange ao reconhecimento e apropriação má intencionada da prática da capoeira para a sociedade como um todo, apresentamos alguns argumentos oriundos de entrevista realizada com a francesa Julie Onillon-Vieira, a mesma diz que:

Lá na França os alunos são muito interessados pela história da capoeira, aprende música, aprende a falar português, a cantar português, a praticar esse monte de música, que não existe na França, então é um esporte muito original, na Europa, todo mundo gosta, discriminação não.²⁶

Porém, outras opiniões contrárias são tecidas, alguns capoeiristas argumentam que muitas vezes há uma apropriação má intencionada dessa prática no exterior, segundo os mesmos eles não visam o histórico da capoeira, mas sim a alegoria; os possíveis lucros que esta possa vir a oferecer. Em um dos depoimentos fora deixado de forma visível que, muitos dos capoeiristas que viajam para o exterior percebem essa apropriação, assim, muitos ensinam com cautela, com cuidado, visando preparar a mente dessas pessoas. Quando não conseguem, a exploração financeira é inevitável, “então se tu quer o que é meu, tu vai pagar caro por isso”.²⁷

Novos cenários, velhas práticas

Mudam-se os contextos, mudam-se os atores, no entanto a discriminação e a marginalização ainda envolvem essa prática. Embora não tão visível como antigamente, ela ainda permanece aos dias atuais, uma vez que, a falta de apoio, incentivo e cumprimento de leis, também se constitui numa forma de discriminação e negação.

A capoeira é uma das expressões da natureza humana, fruto da nossa história, no entanto, a sociedade ainda custa perceber a importância dessa manifestação cultural para o

²⁶ Julie Onillon-Vieira. Graduada e conhecida na roda de capoeira como Nega; *Grupo Internacional de Capoeira Jacobina Arte*.

²⁷ Preferimos resguardar a imagem do entrevistado.

processo de formação sócio-espacial brasileiro. Ocultar todo o legado histórico, não apoiar, ou não incentivar manifestações culturais, como a capoeira, é também uma forma de descriminalizar e de por a margem esses grupos. Opiniões acerca dessa falta de reconhecimento são tecidas, e estas são de extrema importância enunciar:

Você não dá status aquilo que você não acredita que é bom. Então a sociedade não acredita que a capoeira tem sua função social, não é, e até acho bonitinho, as pessoas acham interessante, param quando vê um grupo jogando, mas na hora mesmo do reconhecimento [...] não existe.²⁸

Assim, o que motiva professores, contra mestres e mestres de capoeira a atuarem dentro da sociedade jacobinense desenvolvendo trabalhos e projetos sociais - muitas vezes voluntários - é o fascínio que essa manifestação cultural exerce sobre os mesmos. Uma vez que o incentivo e apoio a prática da capoeira é pouco.

No que tange a perseverança dos capoeiristas entrevistados, alguns argumentam que:

Essas pessoas que seguram isso, seguram porque tem uma raiz muito forte, uma raiz cultural implantada e não abre mão disso, é uma perseverança muito grande [...] mas o pessoal se mantém por que gosta mesmo, porque tem amor mesmo, porque é perseverante mesmo, e porque investe mesmo tudo o que tem nessa prática²⁹.

A gente pratica capoeira, porque capoeira depende de cada um, mas se a gente for cruzar o braço e esperar gestor público, vereador, se unir e vim ao nosso encontro, a gente num bota o pé pro ar é nunca. Se agente for esperar também os pais de família [...] se mobilizarem pra fazer alguma coisa, também a gente não põe o pé pro ar é nunca.³⁰

Tanto os grupos como algumas das nossas lideranças municipais reconhecem a necessidade e a importância de políticas que apoiem o desenvolvimento de cada um dos trabalhos desenvolvidos com crianças, jovens e adultos em Jacobina, uma vez que estes demandam gastos. No entanto essas políticas são escassas e embora tenhamos na Constituição leis que visam o incentivo e a ajuda as várias manifestações culturais presente na nossa sociedade, elas se distanciam entre teoria e práxis. Dessa forma, é possível constatar que, uma das características intrínseca a cada um dos grupos de capoeira presente no território

²⁸ Núbia Regina Freire Barbosa. Coordenadora de Desenvolvimento de Educação Básica na Diretoria Regional de Educação – DIREC-16 e capoeirista.

²⁹ Idem

³⁰ Mestre Paizinho; *Associação de Capoeira Raízes Baiana*.

jacobinense, é a dificuldade que cada um dos mesmos enfrenta, com a falta de visibilidade, frente as nossas lideranças municipais e a sociedade de um modo geral.

Os grupos em sua maioria argumentam que se os poderes públicos “abrissem as portas” e aceitassem os projetos enviados e visualizassem a importância dos mesmos para a construção e implantação de um currículo escolar mais denso e completo, uma vez que a capoeira compreende também saberes popular, seria bem melhor, uma vez que em locais como São Paulo, Minas Gerais e outros a sua aplicação tem conseguido obter êxitos.

É perceptível a preocupação desses professores e mestres, em transmitir o legado histórico, dessa manifestação cultural, pois o trabalho desenvolvido não se restringe apenas em “colocar a perna para o ar”, há uma preocupação com a formação educacional desses indivíduos. Assim, estes grupos anseiam um pouco mais de visibilidade dentro das políticas públicas, para que os mesmos continuem a desenvolver seu trabalho não somente na sociedade, como também em conjunto com as instituições formais de educação.

Embora o reconhecimento dessa prática não ocorra como se deseja, e a mesma seja obrigada a enfrentar inúmeros obstáculos, a capoeira persiste ao longo dos anos, e continua a exercer fascínio sobre muitas pessoas. A roda de capoeira é um espaço mágico, envolve ritmo, luta, dança, brincadeira, historicidade, afetividade, enfim, uma gama infinita de elementos impossível de se aprender em sua totalidade. Descrever o que ela transmite para os capoeiristas é algo inexplicável, assim como também o é, descrever o poder que ela tem para se apropriar dos espaços e nele construir o seu território.

No que tange esse poder que as rodas de capoeira possuem podemos evidenciar que, segundo o Mestrando Teí³¹ isso é uma coisa inexplicável, pois as rodas podem acontecer em qualquer lugar, uma vez que, a sua magia vem de dentro de cada um, vem da alma e se encontra no sangue de todos os brasileiros.

Eu acho bem mágico, a roda de capoeira é um espaço mágico, onde você, onde o grupo, que se propôs a participar do jogo, ele monta o palco ali, e quem ta passando acaba entrando no jogo, porque o jogo não é só quem ta dentro da roda, o jogo é quem olha, quem passa e interage, é quem passa e vê o movimento acontecer [...] não é um palco material, é um palco energético [...] e aí não tem jeito, a roda acontece mesmo que não queira.³²

³¹ Anteogenes de Oliveira Lima. Conhecido e graduado na roda de capoeira como Mestrando Tei; *Grupo Internacional de Capoeira Kuilombo dos Palmares*.

³² Núbia Regina Freire Barbosa. Coordenadora de Desenvolvimento de Educação na DIREC-16 e capoeirista.

Apesar dos vários embates impostos pela sociedade ao longo dos anos, a capoeira vive e sobrevive a tudo isso. Tal “façanha” deve-se aos nossos mestres de capoeira, discípulos de Mestre Bimba e Mestre Pastinha, e de inúmeros descendentes de africanos, que resistiram e resistem a todo um processo colonizador que distingue subordinados de subordinadores. No que tange a sua perpetuação dentro da sociedade, diálogos foram estabelecidos, argumentos foram expostos, aqui ressaltamos que, segundo o Mestre Salomé³³ a capoeira consegue se manter pela resistência de muitos capoeiristas, porque só tendo amor, paixão mesmo a essa arte, para ela estar presente até hoje. Outras opiniões tecidas ressaltam que:

É como agente diz, que a capoeira é resistência, enquanto nós tivermos energia pra lutar, pra combater, a capoeira sempre vai ta aí. E como se diz, tem muito tempo, tem muita gente, quer destruir o que ta na raiz, e quando ta na raiz, ta dentro do sangue, e quando ta dentro do sangue passa de geração em geração, e passando de geração ela nunca acaba.³⁴

Dessa forma pode-se concluir que a resistência é característica intrínseca a capoeira, fora ela, a responsável pela sua origem, e a sua perpetuação até os nossos dias. Proibição, marginalização, discriminação e ocultação constituíram-se em obstáculos, que ao longo dos anos a capoeira enfrenta, no entanto, estes contribuíram para torná-la um instrumento de pertencimento, de identidade e afetividade, utilizados como estratégia de legitimação e afirmação de um povo marginalizado, que conquista sua visibilidade através da cultura e dos diálogos estabelecidos dentro dos espaços.

³³ Mestre Salomé – ACRT.

³⁴ Gesivaldo Vieira dos Santos. Graduado e conhecido na roda de capoeira como Contra Mestre Parafuso; *Grupo Internacional de Capoeira Jacobina Arte*

POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar pesquisas e levantamentos de fontes referentes à prática da capoeira, detinha uma visão muito simplista sobre a mesma. Embora a capoeira tenha sempre exercido fascínio sobre mim. As descobertas conquistadas através da realização dessa pesquisa contribuíram para um processo de amadurecimento pessoal, uma vez que, a mesma antes de qualquer coisa é fruto de inquietações e anseios que me acompanha há alguns anos.

A originalidade desse trabalho foi marcada não pela temática em si, uma vez que inúmeros trabalhos referentes à prática da capoeira estão sendo desenvolvidos, mas sim, na forma como a abordagem foi feita, assim a pesquisa traz à luz das temáticas contemporâneas a noção de simultâneas territorialidades dentro do mesmo espaço, caracterizado pelo fluxo de relações e os diálogos estabelecidos entre os vários atores que este comporta.

Tecer possíveis conclusões sobre a prática da capoeira torna-se algo difícil, pois o universo que envolve a mesma é muito mais amplo do que imaginava, uma vez que a análise de uma determinada cultura nunca se fará de forma completa, pois quanto mais profunda for à análise, mais indagações, dúvidas e investigações a mesma implicará.

Assim confesso a fragilidade que a pesquisa ora apresentada possui, inúmeras lacunas ficaram abertas, talvez tenha concluído com mais dúvidas do que quando comecei. Mas o conhecimento cresce justamente das lacunas abertas, deixadas por pesquisas já realizadas, que dão base para outras (re) leituras, e lapidações daquilo que fora produzido.

Dialogar com os vários atores que constituem o universo da capoeira e a sociedade trouxe-me medo, porém este serviu como uma espécie de estratégia, deixando-me em constante alerta. O medo serviu também para que eu respeitasse as opiniões que giram em torno do universo dessa manifestação cultural. Assim, as entrevistas realizadas foram transcritas com responsabilidade, visando acima de tudo preservar a imagem dos entrevistados. Os quais sem eles a pesquisa não poderia ser concretizada. Este mesmo medo também fora responsável por me deixar em constante alerta sobre as possíveis generalizações da prática da capoeira e o seu diálogo com a sociedade.

Agora a pesquisa torna-se algo concreto, ela passa a ser alvo de críticas, dentro do conhecimento científico, se construtiva, ou não, que ao menos sirvam para o aperfeiçoamento da mesma, e que outras leituras possam ser feitas e contribuam para desmistificação de estereótipos sobre a origem da capoeira e sua prática nos dias atuais.

Algumas questões que nortearam o trabalho foram refutadas, ao menos no universo em que a pesquisa fora desenvolvida, ou seja, no que tange ao território jacobinense, os grupos desenvolvem com responsabilidade o seu trabalho, caracterizando-se em sua maioria, como trabalhos voluntários em prol de jovens e crianças vítimas de um sistema colonizador, que ainda nos mantém como escravos, e influencia em ações que desrespeitam os princípios e ideais éticos.

Se ora, tinha uma visão simplista sobre as suas ressignificações e as apreendesse como fatores essenciais para a descaracterização de sua prática, o contato com o campo permitiu ver muito além do imaginado, assim esse vínculo mais próximo com o universo da capoeira permitiu perceber que estas ressignificações serviram para que a mesma chegasse aos dias atuais, mostrando-nos que a sua prática acompanhara o processo de evolução da sociedade, transpondo ao longo dos anos os vários obstáculos impostos pela mesma.

No que tange a sua inserção como modalidade esportiva regulamentada e normatizada, em espaços controlados e fechados, sendo avaliada por juízes e árbitros, foi possível diagnosticar a fragilidade dessa concretização, uma vez que a capoeira apresenta em seu universo uma infinidade de variações e filosofias seguidas por cada grupo. E se um dia essa prática enquanto modalidade esportiva se concretizar, esperamos poder confiar nos discípulos deixados pelos dois ícones da capoeira — espelhados na figura de Mestre Bimba e Mestre Pastinha — e que esses discípulos continuem a respeitar os princípios, fundamentos e essência dessa cultura genuinamente afro-brasileira.

Porém, nem só de refutações vive o conhecimento, assim pude comprovar que, embora a capoeira seja considerada como Patrimônio Histórico Cultural, a marginalização e discriminação ainda permanecem em volta dessa prática e resultam de um sistema conservador, que implantara na mente de muitos uma idéia estereotipada sobre a sua prática.

As negações e ocultações ainda permanecem nos dias atuais, as mesmas são frutos da perpetuação de um poder hegemônico que regulamenta dentro da sociedade os espaços visíveis de atuação de uma minoria em detrimento de uma maioria, mesmo sendo esta dotada de valiosíssima importância para a construção sócio-espacial brasileira. Nesse sentido o trabalho objetiva desfazer algumas concepções equivocadas sobre o universo da capoeira, uma vez que só lutamos ou defendemos algo quando oportunidades são dadas para conhecê-lo.

Embora políticos, governantes e parte da sociedade não percebam a importância que a mesma possui enquanto legado histórico, e quando a percebe deixa transparecer apenas em teorias, leis e planos de papel, a capoeira permanece enraizada entre nós, sendo sinônimo de

resistência, assim ela sobrevive graças aos capoeiristas que transmitiram ao longo dos anos, os saberes desenvolvidos nas rodas de capoeira. E sobretudo ao desejo de continuar lutando por espaços visíveis de atuação dentro da sociedade, fazendo transparecer de forma efetiva uma territorialidade que fora subjugada com forte intensidade no passado, e que ainda convive com preconceitos e idéias estereotipadas sobre a sua prática, porém de forma camuflada e ressignificada.

O contato com o campo permitiu identificar um certo tipo de isolamento entre os grupos, no que tange a elaboração de projetos ou medidas que visem exigir das lideranças municipais os seus direitos. Esse isolamento constitui-se em algo negativo, uma vez que de forma subjetiva ou muitas vezes sem querer, damos continuidade ao modelo de um sistema que dividia para poder dominar e reinar. Convivemos com novos cenários, porém velhas práticas ainda se repetem dentro da nossa sociedade.

Os estudos referentes a essa temática, mostra-nos a incessante e perversa atuação das práticas capitalistas a descaracterizar os valores genuínos dessa manifestação cultural, uma vez que o mesmo tende a influenciar através dos seus sustentáculos todas as instâncias sociais e os princípios éticos de cada um. Dessa forma, é perceptível a utilização da capoeira para obter possíveis lucros através de relações mercadológicas. Porém, no que tange a essas apropriações e artimanhas, as mesmas não foram apreendidas em território jacobinense, ao menos não se fez transparecer ao longo da pesquisa realizada.

No que concerne ao poder que ela tem para territorializar os espaços, e fazer da rua, do ginásio, da praça, o seu palco de atuação, esse poder permanece envolto de sentimentos afetivos, impossíveis de serem mensurados ou serem explicados, é um poder intrínseco a mesma e ele continuará se manifestando a cada toque de berimbau, cada compasso dado por um capoeirista, e a cada signo responsável por compor formulações mentais e materiais de espacialidade que territorializam os espaços.

Portanto, a rua, a praça, a quadra irão configurar paisagens diferentes de acordo com o modo de apropriação dos espaços, nesse sentido, as rodas de capoeira, através dos elementos que as constitui e dos atores que a mesma comporta, ao se apropriar dos espaços, interferem no contorno diferente dos mesmos, representando dessa forma paisagens diferentes que fogem a regra do cotidiano das relações sociais.

FONTES E REFERÊNCIAS

Entrevistados

Anteogenes de Oliveira Lima. Conhecido e graduado na roda de capoeira como Mestrando Tei; Grupo Internacional de Capoeira Kuilombo dos Palmares. Entrevista realizada em 28 de fevereiro de 2009.

Cristina da Cruz. Graduada e conhecida na roda de capoeira como Professora Baiana; Associação de Capoeira Os Regionais do Tempo. Entrevista realizada em 22 de fevereiro de 2009.

Danilo Teles Santos. Conhecido como Aluno Canário; Associação de Capoeira Os Regionais do Tempo. Entrevista realizada em 22 de fevereiro de 2009.

Edson Barbosa da Luz. Conhecido e graduado na roda de capoeira como Estagiário Camaleão; Associação de Capoeira Os Regionais do Tempo. Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2009.

Erivelton. Aluno da Associação de Capoeira Os Regionais do Tempo. Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2009.

Genival. Conhecido como Torpedo na roda de capoeira; Grupo de Capoeira Pastoral Afro Quilombo Erê. Entrevista realizada em 20 de fevereiro de 2009.

Gersiclei Vieira dos Santos. Graduado e conhecido na roda de capoeira como Professor Drakula; Grupo Internacional de Capoeira Jacobina Arte. Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2009.

Gesivaldo Vieira dos Santos. Graduado e conhecido na roda de capoeira como Contara Mestre Parafuso. Grupo Internacional de Capoeira Jacobina Arte. Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2009.

Gislene Maria Mota Santos. Coordenadora Geral da Diretoria Regional de Educação – DIREC-16 Entrevista realizada em 27 de fevereiro de 2009.

Jean Cesar Moreira da Silva. Conhecido e batizado como Contra Mestre Jack Chan na roda de capoeira. Grupo de Capoeira Pastoral Afro Quilombo Erê. Entrevista realizada em 20 de fevereiro de 2009.

João Evangelista Borges de Sousa. Conhecido como Mestre Paizinho; Associação de Capoeira Raízes Baiana. Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2009.

Julie Onillon-Vieira. Graduada e conhecida na roda de capoeira como Nega; Grupo Internacional de Capoeira Jacobina Arte. Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2009.

Lágina Pereira da Silva; aluna da Associação de Capoeira Os Regionais do Tempo. Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2009.

Luciano Vieira dos Santos. Graduado na roda de capoeira como Formando Torneira; Grupo Internacional de Capoeira Jacobina Arte. Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2009.

Marilton Brito Soares. Graduado e conhecido na roda de capoeira como Mestre Salomé. Associação de Capoeira Os Regionais do Tempo. Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2009.

Michele Pereira Corte. Conhecida na roda de capoeira como fofucha; Associação de Capoeira Os Regionais do Tempo. Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2009.

Milton Oliveira de Sena. Vereador do Município de Jacobina e comerciante. Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2009.

Núbia Regina Freire Barbosa. Coordenadora de Desenvolvimento de Educação Básica na Diretoria Regional de Educação – DIREC-16 e capoeirista. Entrevista realizada em 27 de fevereiro de 2009.

Odete Matos Vieira. Mestranda na roda de capoeira; Grupo Internacional de Capoeira Jacobina Arte. Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2009.

Odilezio José dos Santos. Graduado e conhecido na roda de capoeira como Mestre Dinho. Associação de Capoeira Raízes Baiana. Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2009.

Reginaldo Macedo dos Santos. Conhecido e graduado na roda de capoeira como Mestrando Furacão; Grupo Internacional de Capoeira Kuilombo dos Palmares. Entrevista realizada em 28 de fevereiro de 2009.

Tailan da Silva Conceição; aluno da Associação de Capoeira Os Regionais do Tempo. Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2009.

Wesley Santiago Lima; aluno da Associação de Capoeira Os Regionais do Tempo. Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2009.

Zilma Pereira dos Santos. Representante de Cultura do Território do Piemonte da Diamantina. Entrevista realizada em 27 de fevereiro de 2009.

Legislação

BRASIL, Constituição (1988). *Constituição da Republica Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.

JACOBINA, Poder Legislativo Do Município de. *Lei Orgânica do Município de Jacobina*. Ed. rev. Novembro de 2008.

Referências

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. *Capoeira Angola: Cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. Campinas, SP: UNICAMP/CMU; Salvador: EDUFBA, 2005.

ANDRADE, Manoel Correia de. *A trajetória do Brasil (de 1500 a 2000)*. São Paulo: Contexto, 2000.

BECKER, Bertha Koffmann e EGLER, Cláudio A.G. *Brasil: Uma nova potencia regional na economia-mundo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 8ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CAMPOS, Andreilino de Oliveira. *Afro-descendência e a superação do “velho” conceito de raça: a construção da identidade politicamente compartilhada*. In. GONÇALVES, Maria Alice Rezende (Org.) *Educação, cultura e literatura afro-brasileira: contribuições para a discussão racial na escola*. Rio de Janeiro: Quartet: NEAB-UERJ, 2007.

CAPOEIRA, Nestor. *Capoeira: Os fundamentos da Malícia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A (re) produção do espaço urbano*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.) *Introdução a Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSTA, Emilia Viott da. *Da monarquia a Republica: momentos decisivos*. 7.ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

FAGUNDES, Anamaria e GOMES, Flávio. “Indiosicrasias cromáticas”: projetos de “imigração negra” no Brasil Republicano. In. GONÇALVES, Maria Alice Rezende (Org.) *Educação, cultura e literatura afro-brasileira: contribuições para a discussão racial na escola*. Rio de Janeiro: Quartet: NEAB-UERJ, 2007.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HAESBAERT, Rogerio. *O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. 2.ed. São Paulo: Annablume, 2005.

------. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural* . 6 ed. São Paulo: Loyola, 1994.

MIYAMOTO, Shiguenoli. *Geopolítica e poder no Brasil*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ratzel*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

------. *Bases da formação territorial do Brasil: O território colonial brasileiro no longo séc. XVI*. São Paulo: Hucitec, 2000.

------. *Geografia: pequena história crítica*. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

------. *Território e história no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Annablume, 2005.

Movimento Nacional Contra a Regulamentação do Profissional de Educação Física. *10 Anos de CONFEF/CREF's: enganando a sociedade sucateando a profissão*. EXNEEF. Gráfica e Editora Tristeza LTDA, 2008.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática: 1993

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: técnica e tempo: razão e emoção*. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 1999.

SILVA, Eduardo; REIS, João José. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravagista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SILVA, José Milton Ferreira da. *A linguagem do corpo na capoeira*. Rio de Janeiro: Sprint, 2003

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *Acapoeira escrava: e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

Sites utilizados

CAPOEIRA Nestor. História, Filosofia e Pesquisa. Disponível em <<http://www.centroreferenciacapoeiracarioca.net/arquivos>>. Acesso em 22 de Set. de 2008

TAFFAREL, Celi Zulk. Capoeira e projeto histórico. VI SIMPÓSIO NACIONAL UNIVERSITÁRIO DE CAPOEIRA - VI SNUC. Florianópolis-SC, 2004. Disponível em: <www2.fct.unesp.br>. Acesso em 17 fev. 2009.

ANEXOS



Foto 5. Aulas de Capoeira no Quilombo Erê.
Fonte: Contra Mestre Jack Chan. Grupo de Capoeira Pastoral Afro Quilombo Erê 2008.



Foto 2. Roda de Capoeira na Praça da Matriz em Jacobina.
Fonte: Mestre Salomé – ARCT, 2008.



Foto 3. Desfile Cívico do dia 7 de Setembro em Jacobina.
Fonte: Mestre Salomé – ARCT, 2008



Foto 4. Roda de Capoeira na Praça da Missão em Jacobina.
Fonte: Mestre Salomé – ARCT, 2008

APÊNDICES

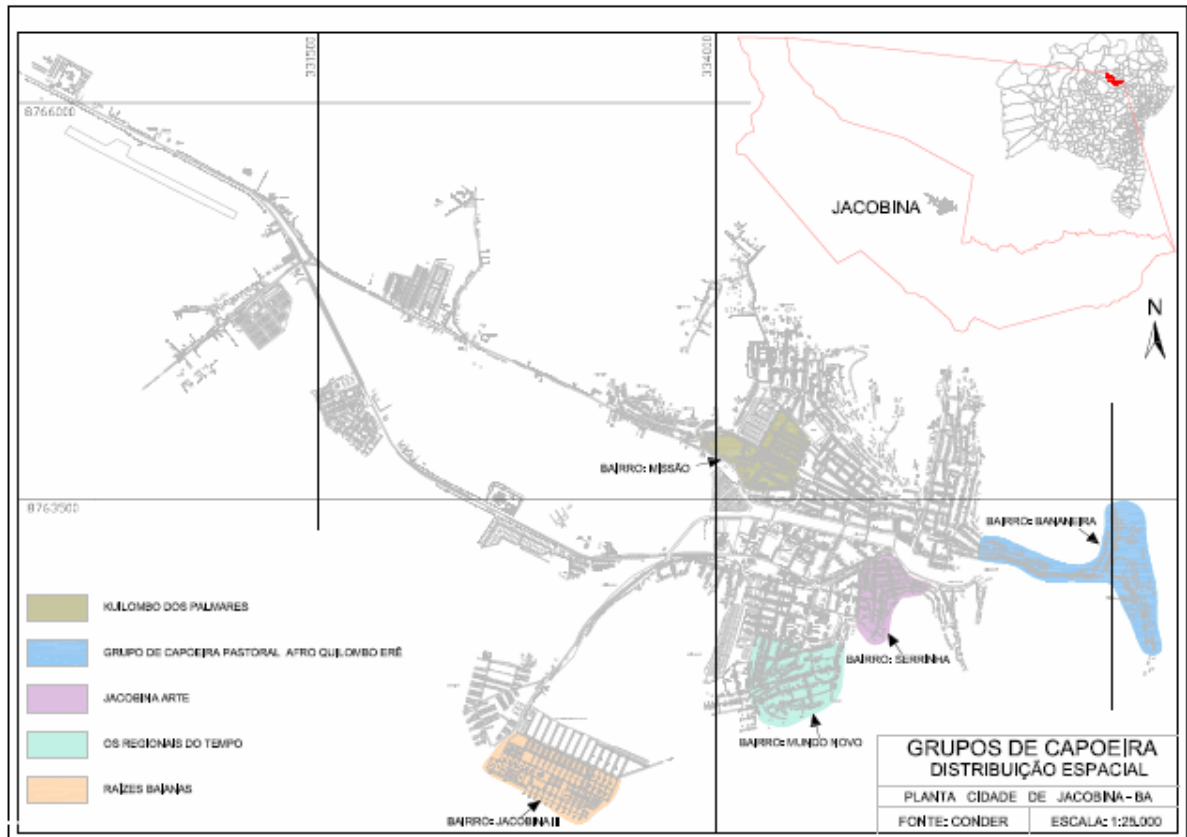


Foto 1. 1º Encontro de Capoeira de Jacobina e Região.
Fonte: Acervo pessoal, 2008



Foto 6. Roda de Capoeira Angola e aniversário de capoeirista na roda. Concha Acústica no bairro da Missão.
Fonte: Acervo pessoal, 2009.

GRUPOS DE CAPOEIRA



Mapa compilado e adaptado por João Batista dos Reis.